

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Gianna Tassoni Metzger

**CADERNOS ESCOLARES DE 1984:
(Re) descobrindo perspectivas na História da Educação**

Porto Alegre
1. Semestre
2014

Gianna Tassoni Metzger

**CADERNOS ESCOLARES DE 1984:
(Re) descobrindo perspectivas na História da Educação**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

**Orientadora: Prof^a. Dr^a. Dóris Bittencourt
Almeida**

Porto Alegre

1. Semestre

2014

O CADERNO

Compositores: Toquinho e Mutinho

Sou eu que vou seguir você
Do primeiro rabisco
Até o be-a-bá.
Em todos os desenhos
Coloridos vou estar
A casa, a montanha
Duas nuvens no céu
E um sol a sorrir no papel...
Sou eu que vou ser seu colega
Seus problemas ajudar a resolver
Te acompanhar nas provas
Bimestrais, você vai ver
Serei, de você, confidente fiel
Se seu pranto molhar meu papel...
Sou eu que vou ser seu amigo
Vou lhe dar abrigo
Se você quiser
Quando surgirem
Seus primeiros raios de mulher
A vida se abrirá
Num feroz carrossel
E você vai rasgar meu papel...
O que está escrito em mim
Comigo ficará guardado
Se lhe dá prazer
A vida segue sempre em frente
O que se há de fazer...
Só peço, à você
Um favor, se puder
Não me esqueça
Num canto qualquer.

RESUMO

Ancorada do campo da História da Educação, esta pesquisa busca uma aproximação da cultura escolar da Escola Santa Rosa de Lima, através da investigação de cadernos escolares da segunda série do primeiro grau de ensino, do ano de 1984. Como objetivo, pretendeu-se analisar a materialidade dos cadernos, os conteúdos trabalhados, as estratégias de ensino utilizadas pela professora, as marcas de correção e as relações professora-aluno. Para além dos cadernos, a pesquisa aborda um pouco da história da Escola Santa Rosa de Lima, já extinta. Caracterizada por uma pesquisa de abordagem metodológica qualitativa, do tipo Análise Documental, são investigados cadernos escolares e documentos pertencentes à escola. As análises evidenciam que os cadernos permitem visualizar pistas sobre a Cultura Escolar da qual pertencem. O caderno escolar é um suporte de uso regrado que carrega marcas de controle e protocolos de escrita, que, por vezes, limita o uso pessoal do aluno, com o exceção da última folha, onde o aluno pode utilizar o espaço de forma livre. Já na contextualização da escola, é possível fazer inferências com o intuito de compreender o contexto em que eles estão inseridos. Sendo uma fonte privilegiada para a História da Educação, a pesquisa com caderno escolar apresenta vestígios de uma educação através das atividades, conteúdos e relação professora-aluno através das correções e troca de bilhetes, mas apresenta limites pela história centrar-se apenas nos registros do objeto.

PALAVRAS-CHAVE: Cadernos Escolares. História da Educação. Cultura Escolar.

METZGER, Gianna Tassoni. **Cadernos escolares de 1984: (re) descobrindo perspectivas na história da educação** – Porto Alegre: UFRGS, 2014. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia). Faculdade de Educação. Universidade federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SUMÁRIO

1 COMO COMEÇA A PESQUISA.....	06
2 OS CADERNOS ESCOLARES COMO OBJETO DE ESTUDO EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO.....	10
3 DA ESCOLA PRIMÁRIA SANTA ROSA DE LIMA AO COLÉGIO SANTA ROSA DE LIMA.....	17
4 CADERNOS ESCOLARES DE 1984: (RE) DESCOBRINDO PERSPECTIVAS NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO.....	24
4.1 ESTRUTURA FÍSICA DO SUPORTE DE ESCRITA.....,	24
4.2 QUANTO AO ANO LETIVO.....	27
4.3 O QUE SE ESTUDAVA?.....	29
4.4 ATIVIDADES.....	35
4.5 O CADERNO E SEUS PROTOCOLOS.....	40
4.6 MARCAS DA RELAÇÃO PROFESSORA-ALUNO.....	42
5 CONSIDERAÇÕES “FINAIS”.....	47
REFERÊNCIAS.....	50

1 COMO COMEÇA A PESQUISA

Durante o Curso de Pedagogia¹, diferentes assuntos me despertaram interesses para pesquisas. No período do estágio obrigatório², na sétima etapa do curso, o tema da memória, desenvolvido no meu planejamento didático-pedagógico, apareceu como uma linha que me guiou pelos caminhos da pesquisa que aqui apresento. Dentre as diversas possibilidades de pesquisas na área da História da Educação que a orientadora deste trabalho me apresentou, fiquei instigada em investigar cadernos escolares de um outro tempo e contexto.

Pensar sobre o que cadernos de um tempo um pouco mais remoto poderiam mostrar foi uma das minhas inquietações, assim como pensar sobre as estratégias de ensino utilizadas pela professora e como o caderno poderia evidenciar a relação do professor em sala de aula com o aluno. O conceito de memória guiou a escolha por pesquisar cadernos justamente por ser um artefato do universo escolar que remete à memória da escolarização.

O caderno, para seu *dono*, apresenta uma subjetividade que não poderia ser descrita, pois nele há vivências que apresentam significados apenas para o aluno, já que ele foi quem viveu e presenciou os momentos no seu trajeto escolar. Quer dizer, mesmo com uma pesquisa sobre os cadernos escolares de um determinado aluno, o que por ele foi interiorizado, apenas com ele perdurará sem estar inteiramente expressos nos registros.

O caderno é um dos artefatos que acompanha o aluno na trajetória da sua escolarização e é sua responsabilidade cuidar deste objeto durante o seu uso. Por ele, poderão ser registradas as aulas e, além disso, permite que se produzam escritas informais que talvez permanecerão guardadas como mais uma lembrança. Conforme Ana Chrystina Venancio Mignot (2008), “o caderno será, então, um dos companheiros do discente: organizando o capricho ou, pelo contrário, sujeitando-se às desorganizações do principiante, ele guardará as anotações do dia a dia na sala de aula, refletindo, de algum modo, os estilos de trabalho do professor.” (MIGNOT, 2008, p. 9). O aluno, ao escrever em seu caderno, segue normas que organizam sua escrita escolar, porém parte da identidade do aluno está inserida no objeto, já que as suas aprendizagens dão significado ao caderno.

Além do aspecto subjetivo incorporado no caderno, ele é “[...] um suporte de escrita portador de marcas de quem ensina e de quem aprende.” (JACQUES, 2013, p. 243). Quer dizer, o caderno é capaz de nos oferecer pistas sobre fatos da escolarização do determinado contexto, sobre a formação do professor, sobre a organização do aluno, a política e as regras e

¹ Curso de Pedagogia iniciado em 2010 na Faculdade de Educação/UFRGS.

² Estágio Obrigatório ocorrido no 2º semestre de 2013.

demais aspectos que possam sugerir como se dava a educação na escola. É importante deixar claro que o caderno escolar não nos diz exatamente o que acontecia, mas o estudo sobre tal objeto permite refletir sobre a realidade e contexto da cultura escolar.

A pesquisa vincula relação com a História Cultural, que é a corrente da historiografia que nos permite valorizar o caderno escolar como testemunho precioso para pesquisa. A História Cultural “tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 16-17 *apud* GALVÃO; LOPES, 2010, p. 33). Sendo assim, a cultura escolar não se distancia deste conceito, pois remete a uma realidade construída numa determinada situação com influências políticas e pedagógicas que a constituem, além das suas próprias normas e formas de administração. De acordo com Antonio Viñao Frago (1995), a cultura escolar vista como um

[...] “conjunto de aspectos institucionalizados” — incluye prácticas y conductas, modos de vida, hábitos y ritos — la historia cotidiana del hacer escolar —, objetos materiales — función, uso, distribución en el espacio, materialidad física, simbología, introducción, transformación, desaparición... —, y modos de pensar, así como significados e ideas compartidas. (FRAGO, 1995, p. 68-69).

Ou seja, a cultura escolar é tudo o que constitui a escola, desde a materialidade, objetos, estrutura e formação física do espaço até o que e quem por ali passa e se constroi e com o tempo modifica, atualizando ou não; os novos saberes construídos e os saberes guardados como base de uma nova educação; ideologias e projetos que articulam e relacionam experiências; enfim, características e funcionalidades do meio escolar que compõem e formam uma instituição.

Assim, esta pesquisa está situada no campo da História da Educação, visto que esta “[...] é uma das maneiras de abordar o presente tornando-o estranho, para que possamos compreendê-lo.” (GALVÃO; LOPES, 2010, p. 65). De fato, a análise de um objeto não apresentará a verdade do que ocorreu no passado, mas apresentará subsídios para que se possa fazer inferências dentro de um campo de possibilidades. Esta pesquisa dialoga com a história da cultura escrita uma vez que o texto do material analisado é o que sustenta a pesquisa, já que se trata de uma escrita escolar seguida de normas impostas não apenas por um professor, mas pelas demais mediações políticas-pedagógicas.

Assim, a pesquisa dialoga concomitante com a história das instituições educativas, pois quando se estudam cadernos escolares, também está sendo investigado o cotidiano e a organização escolar. Para a investigação de uma cultura escolar, no campo da História da Educação, os cadernos escolares são fontes privilegiadas. Eles podem induzir sobre a história

da instituição, não se esgotando a possível trajetória escolar nos cadernos, mas sendo analisados de um ponto de vista mais escolar, sendo um material que esteve presente na rotina real da sala de aula, seguindo as normas e condutas e podendo mostrar o que não está em papéis que normalizam a instituição. Portanto, assim como afirmam Lopes e Galvão (2001), “[...] é difícil, por exemplo, senão impossível, penetrar no cotidiano da escola de outras épocas somente através da legislação ou de relatórios escritos por autoridades do ensino.” (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 81). Mesmo que a história possa ser feita através de indícios materiais ou não de uma determinada época, nem sempre será necessário documentos ditos oficiais para que se afirme que o fato ocorrido se aproxime do teor verídico. Ou seja, cadernos escolares, por exemplo, em determinados fatores podem ser muito mais preciosos que a investigação de um projeto pedagógico, pois nos cadernos poderá ser vista a prática da sala de aula, enquanto no projeto pedagógico apenas se vê a idealização do que se pretende concretizar.

Considerando os escritos de alunos fontes preciosas para a História da Educação, o estudo busca uma aproximação da cultura escolar da Escola Santa Rosa de Lima, através da investigação de cadernos escolares da segunda série do primeiro grau de ensino do ano de 1984. Para tanto, a questão que orienta esta pesquisa é: que inferências podem ser feitas a partir das análises de cadernos escolares do ano de 1984 presentes na cultura escolar da Escola Santa Rosa de Lima? Assim, se pretende, como objetivo, analisar a materialidade dos cadernos, os conteúdos trabalhados, as estratégias de ensino utilizadas pela professora, as marcas de correção e as relações professora-aluno. Para além dos cadernos, a pesquisa abordará um pouco da história desta peculiar instituição de ensino de Porto Alegre, já extinta.

Esta pesquisa se caracteriza por uma abordagem metodológica qualitativa, pois, como uma das características deste enfoque, “a palavra escrita ocupa lugar de destaque nesta abordagem, desempenhando um papel fundamental tanto no processo de obtenção de dados quanto na disseminação dos resultados.” (GODOY, 1995, p. 62). A pesquisa é realizada através da análise de um determinado material visto de um contexto diferente do que foi produzido, por isso, “segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada.” (GODOY, 1995, p. 21). Além disto, na pesquisa qualitativa é importante o olhar atento as diversas informações que podem parecer simplórias mas que podem dar outra perspectiva ao trabalho. Portanto, “o pesquisador deve, assim, atentar para o maior número possível de elementos presentes na situação estudada, pois um aspecto supostamente trivial

pode ser essencial para a melhor compreensão do problema que está sendo estudado.” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 12).

Metodologicamente, a opção é pela análise documental, uma vez que é realizada a investigação de três determinados cadernos além da documentação da escola. Assim como afirmam Lüdke e André (1986), “selecionados os documentos, o pesquisador procederá a análise propriamente dita dos dados” (LÜKE; ANDRÉ, 1986, p. 41), analisando seu conteúdo e dando foco naquilo que traz como problema. Portanto, na perspectiva da História da Educação, “o ponto de partida não é, desse modo, a pesquisa de um documento, mas a colocação que um questionamento” (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 91), já que, para que uma pesquisa seja de fato concretizada, ainda que não esgotando as demais possibilidades e olhares dentro de uma mesma temática, é necessário questionamentos que permitam a investigação do determinado objeto.

Para este estudo, alguns documentos ditos oficiais foram utilizados para que a pesquisa contemplasse uma parte da história da instituição da qual pertenceu o aluno, dono dos cadernos. Muitos pais de alunos que frequentavam a escola eram, e alguns ainda são, professores da Faculdade de Educação (Faced) da UFRGS, e com o fechamento da escola, algumas professoras tiveram acesso a estes documentos, incluindo alguns cadernos e os arquivaram na Faculdade, talvez pensando em futuras pesquisas. Os cadernos estavam com a professora Rosa Hessel da Silveira, em meio a outros documentos antigos num armário, provavelmente guardados há muitos anos, e os demais documentos da escola recuperados estão arquivados e sendo organizados na Faced/UFRGS, pela professora Maria Stephanou. Desta forma, com o interesse na pesquisa em cadernos escolares, tive acesso aos cadernos e posteriormente aos documentos da escola para a realização deste trabalho

Quanto à estrutura de organização do trabalho, está dividido em seções, sendo: a primeira apresentando a temática da pesquisa, assim como a questão que orientou a investigação, os objetivos, a justificativa do estudo e a metodologia abordada; a segunda, descreve o embasamento do aporte teórico e desenvolve o conceito de caderno escolar, relacionando com as ideias dos autores. A terceira seção faz uma breve historicização sobre a Escola Santa Rosa de Lima, contextualizando o local de onde vieram os cadernos investigados. Já a quarta seção apresenta as análises dos cadernos escolares, sendo dividida em seis subseções que organizam cada parte de análise realizada. Por fim, seguem as considerações do trabalho, retomando aspectos significativos.

2 OS CADERNOS ESCOLARES COMO OBJETO DE ESTUDO EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

O tema “cadernos escolares” é discutido por diversos autores identificados com o campo da História da Educação e da cultura escrita. Pela análise desses materiais, pode-se fazer inferências sobre as concepções pedagógicas vigentes, sobre as rotinas de sala de aula, sobre a avaliação da professora. Em relação ao aluno, a análise dos cadernos permite entrever sua escrita, a organização e disposição das diferentes atividades. Aspectos mais de ordem subjetiva também se apresentam, como as relações entre professora e aluno. Todos esses são particularidades que caracterizam uma determinada forma de escolarização de um determinado tempo e lugar.

Neste trabalho, inspiro-me em autores, nos quais procuro fazer relações de acordo com as análises dos cadernos investigados. Sendo assim, busco o estudo dos cadernos escolares em Antonio Castillo Gómez (2012), Maria Helena Camara Bastos (2013), Ana Chrystina Venancio Mignot (2008), Antonio Viñao (2008), Alice Rigoni Jacques (2013), Jean Hébrard (2001) e Silvina Gvirtz e Marina Larrondo (2008). Estes autores investigam cadernos escolares nas suas diferentes perspectivas, dando ênfase ao objeto desde suas historicidade quanto à importância de seu uso na sala de aula.

Ana Chrystina Venancio Mignot (2008) apresenta a ideia de que os cadernos são objetos de extrema essência na pesquisa para que se possa investigar o dia a dia na sala de aula através do registro. De acordo com ela, “os cadernos escolares têm uma história de produção, circulação e usos” (MIGNOT, 2008, p. 9), ou seja, para que, hoje, o caderno escolar seja visto como um material que traga parte de uma história escolar, o próprio objeto possui uma historicidade com sua devida importância tanto na vida escolar do aluno quanto no seu uso e suas formas gráficas para a sociedade.

Antonio Castillo Gómez (2012, p. 67), seguindo na linha de pesquisa na História da Cultura Escrita, mostra que neste campo de estudo é preciso a análise de materiais escritos, sendo de teor escolar ou do comum, “[...] nas coordenadas que definem as distintas sociedades em que eles se produzem, circulam e utilizam [...]”. Tendo, então, o foco nos cadernos escolares, as diversas pesquisas nesses objetos têm tido diferentes percepções, desde discutir o currículo escolar, as relações de poder, a cultura escolar e o material gráfico dos cadernos, entre outros. Para a História da Cultura Escrita,

Interessa, então, o estudo dos elementos gráficos para conhecer a competência dada às mãos que escrevem, assim como as formas textuais e a disposição do escrito sobre a página, pois permitem proporcionar substanciais considerações em função

das disciplinas transpostas para os cadernos e os métodos de ensino. (GÓMEZ, 2012, p. 68).

A cultura escrita visa, de fato, a materialidade do texto, a distribuição dos espaço no objeto para o registro, as formas de escritas abordadas; contudo, esta linha de estudo não deixa de fazer relação com a História da Educação e a própria cultura escolar, uma vez que a cultura escrita está imersa nestes contextos.

Ainda nesta ideia, Antônio Viñao (2008, p.15), explica que cadernos escolares “[...] são, ao mesmo tempo uma produção infantil, um espaço gráfico e um produto da cultura escolar.”. Pelo objeto apresentar a escrita do aluno e esta escrita e a própria forma da utilização do caderno possuir regras, o autor realça a ideia de que o caderno escolar é capaz de informar o conteúdo estudado, “[...] valores, juízos e correções feitos pelo professor e anotações e usos pessoais ou de todo tipo[...]”. (VIÑAO, 2008, p. 24).

Viñao também destaca que nem todas as atividades escolares estão registradas nos cadernos, sendo assim, não haveria a possibilidade de desvendar o currículo escolar apenas com o caderno. Contudo, ele é capaz de nos proporcionar indícios sugerindo possibilidades. O fato é que, apenas com os cadernos escolares a troca oral entre professora e alunos, movimentos e gestos na sala de aula ficam de fora.

Nem tudo está nos cadernos. Eles silenciam, não dizem nada sobre as intervenções orais ou gestuais do professor e dos alunos, sobre seu peso e o modo como ocorrem e se manifestam, sobre o ambiente ou clima da sala de aula, sobre as atividades que não deixam pistas escritas ou de outro tipo, como os exercícios de leitura (a leitura oral, por exemplo) e todo o mundo do oral. (VIÑAO, 2008, p. 25).

Apesar desta ausência, busco em Alice Rigoni Jacques (2013, p. 243) um conceito para caderno escolar como “[...] um suporte de escrita portador de marcas de quem ensina e de quem aprende.”. Com esta comparação, quero dizer que apesar do suporte caderno escolar não transmitir tudo o que se passa na sala de aula, ainda assim é capaz de demonstrar parte da relação professor-aluno através de escritas presentes, como bilhetes ou marcas de correções, sendo este último o tema de pesquisa realizada por Jacques. A autora conceitua a tarefa escolar como uma forma de interação entre professora e aluno, pois, ao mesmo tempo que produzem textos de suas próprias autorias, estão sendo regidos e avaliados pelo professor, e, “sendo assim, os cadernos registram os espaços de escrita.” (JACQUES, 2013, p. 236).

Já Jean Hébrard (2001) historiciza o caderno escolar, tendo sua pesquisa baseada no contexto da França, apresentando a importância da introdução do caderno na educação. “O caderno tanto para sua inserção na história da escola quanto pela preocupação de conservação da qual ele foi objeto, é certamente um testemunho precioso do que pode ter sido e ainda é o trabalho escolar da escrita.” (HÉBRARD, 2001, p. 212). Acredita nesta inserção do caderno

também como um forte auxiliar na alfabetização. Além de instruir o tempo do trabalho diário dentro da utilização de um determinado espaço gráfico, no caderno é possível realizar várias atividades de escrita que favorecem o uso deste tempo e a aprendizagem em si, pois “[...] no momento mesmo em que o exercício se torna o centro do trabalho escolar de alfabetização, o caderno não só se oferece como suporte do mesmo, mas ainda lhe confere a sua verdadeira significação.” (HÉBRARD, 2001, p. 122).

Inspiro-me em Maria Helena Camara Bastos (2013), a qual realizou uma pesquisa sobre cadernos escolares de uma aluna, retratando a vida escolar da mesma com seus boletins, fotos e outros documentos que fazem parte da sua memória e registro da escolarização. Em seu estudo, deixa claro que o trabalho pedagógico desenvolvido em uma escola tem base no contexto sócio-histórico, ou seja, a contextualização social, política e cultural da época refletem na Pedagogia da escola. Porém, “isso não quer dizer que a educação seja um mero reflexo da sociedade maior;” (BASTOS, 2013, p. 308), pois a escola é regida também pelos seus próprios preceitos .

O caderno escolar ainda apresenta outros conceitos. De acordo com Silvina Gvirtz e Marina Larrondo (2008, p. 39), ele “[...] é considerado um conjunto de práticas discursivas escolares que se articulam de um determinado modo produzindo um efeito.”. Ou seja, o caderno escolar é um objeto que recebe estas práticas discursivas, sendo da ordem de um exercício, da fala da professora, da escrita individual do aluno, não sendo um artefato neutro, pois estas práticas fazem com que o caderno seja um produtor de saberes, onde o aluno, ao utilizá-lo, poderá já refletir sobre a aprendizagem ou aprender algo novo. Como cita Gvirtz e Larrondo (2008, p. 38), “tal documento não é considerando em si mesmo, mas tomado como fonte primária neutra para a aproximação de outras questões, permitindo observar que conteúdos se ensinam e como se ensinam.”.

A partir dessas considerações, é possível fazer uma reflexão sobre os cadernos escolares, uma vez que eles apresentam histórias por trás daquilo que está registrado e histórias que possibilitaram aqueles registros, de acordo com a época, a política, a pedagogia.

Para tanto, nenhum caderno é produzido apenas por um único personagem. Na produção dos cadernos há vários atores envolvidos: há a professora que ministrava as aulas registradas, o corpo escolar que regia uma política e estabelecia uma pedagogia a ser seguida, a família que, mesmo não tendo muitas escritas no caderno, de alguma forma, participou da vida escolar, enfim, outras pessoas que fizeram parte da história e que mesmo não havendo o nome de cada uma registrada no suporte caderno, sabe-se que fizeram parte da construção do objeto.

Diferentes detalhes também influenciam o que de fato pode ser pesquisado em um caderno escolar, por exemplo, a estrutura da escrita utilizada pelo aluno, a estrutura do próprio caderno, a capa, os conteúdos, os rabiscos, os bilhetes, os desenhos, as folhas coladas, etc. Todas estas características são o que formam o caderno escolar do aluno. Sendo egodocumentos, pois se trata de objetos pessoais “[...] que expressam uma memória da educação escolarizada e permite refletir sobre a cultura escolar, os saberes e práticas desenvolvidas no processo de formação de sujeitos” (JACQUES, 2013, p. 235), os cadernos são de caráter ordinário, pois não são produzidos com vistas à perenidade. São deste caráter também, pois possuem escritas ordinárias, que fogem às regras da escrita eventual da sala de aula.

Talvez não apareça nos cadernos registro escrito da participação das famílias, mas importante pensar que na maioria das vezes quem guarda estes objetos é a família. Como dito anteriormente, os cadernos não são produzidos ou não são utilizados com o intuito de se guardar como algo que tenha duração, mas por algum motivo é possível encontrar cadernos de outros tempos ainda conservados. Os motivos que levam a preservá-los, acredita-se que não são muito distintos, quer dizer que a família talvez não guarde um caderno apenas por ser um objeto que marcou a infância ou a escolarização do filho, mas a apresentação e o cuidado deste caderno influi nesta preservação. É claro que não é apenas por estar conservado o caderno que ele será guardado, toda a perspectiva da memória é essencial para que se guarde tal objeto. Viñao (2008) apresenta claramente alguns conceitos que levam à conservação dos objetos, visto que não são apenas uma para guardar o que o aluno fazia em aula:

[...] os cadernos escolares geralmente conservados, como ressaltam vários pesquisadores, são os seguintes: os dos melhores alunos; os encadernados para serem expostos; os de alunos excepcionais por sua precocidade ou *status* social (crianças-prodígio ou príncipes, por exemplo); os de capas mais duras e de maiores dimensões (os frágeis, de menor qualidade do papel e/ou com menos páginas, tendem a danificar-se pelo simples uso); os de capas esteticamente mais bonitas e os passado a limpo (não os de rascunho e menos ainda, os de anotações pessoais do aluno. (VIÑAO, 2008, p. 24) [grifos do autor].

Voltando atrás no tempo, vale dizer que o caderno escolar, que se utiliza hoje em sala de aula, nem sempre existiu. Outros artefatos eram empregados na escolarização para o auxílio da alfabetização, como a ardósia e a lousa (instrumentos de pedra utilizados individualmente para a escrita), por exemplo. No contexto francês, segundo Jean Hébrard (2001), “o caderno é um instrumento comum do aluno de colégio desde o século XVI.” (HÉBRARD, 2001, p. 118). Já no Brasil, até a década de 1940, aproximadamente, era comum ainda o uso das ardósias. Importante destacar que a sociedade sofreu mudanças assim como o processo que deu a utilização do caderno escolar. Com isto, quer-se dizer que a escolarização

nem sempre foi de fácil acesso para todas as classes sociais, ou seja, os diferentes objetos que foram utilizados para a educação, tanto para quem aprendia e para quem ensinava, tinham um custo que, para que fosse possível contemplar os diferentes níveis econômicos, tinham um caráter mais acessível. A utilização destes objetos, segundo o autor Rogério Fernandes (2008),

Era muito mais econômico, porque a lousa ou a ardósia tinham uma duração indefinida, a menos que o usuário se entregasse a brincadeiras perigosas com a sacola ou com o respectivo conteúdo. Por outro lado, a lousa era um “caderno” com diversas funções, porque tanto servia para o ensino da escrita como para a prática de operações aritméticas. (FERNANDES, 2008, p. 53).

Enfim, estas mudanças de materiais utilizados para a escrita do aluno em sala de aula caracterizaram também um avanço do ensino e da aprendizagem da alfabetização e mudanças das propostas pedagógicas. Assim como afirma Mignot (2008), a entrada do caderno na cultura escolar envolveu outras indústrias e novos saberes para que o uso dos materiais fossem adquiridos, portanto “o caderno escolar diário será contemporâneo do aparato metálico, da produção industrial da tinta, do uso do tinteiro que passou a incrustar-se na mesa do aluno” (MIGNOT, 2008, p. 9). A partir, então, desta mudança, o caderno escolar aos poucos foi sendo visto com outros olhares, não apenas como um instrumento de classe, mas como um objeto de pesquisa valioso para a História da Educação.

Os registros dos cadernos escolares possibilitam uma análise sobre a abordagem de conteúdos tratados em sala de aula e as estratégias de ensino utilizadas pelos professores. Sendo investigados e relacionados com a atualidade, pode ser feitas inferências do que pode ser mudado e/ou preservado. Se é realizada uma investigação de um caderno escolar, como nesta pesquisa, é possível analisar, comparando com a educação de hoje, marcas que ainda se encontram na sala de aula e outras que foram modificadas.

Nos cadernos escolares também encontramos as relações dos professores com os alunos, não diretamente, mas sendo feitas inferências em relação ao que se encontra registrado das marcas do professor no caderno. Tais marcas poderão nos dizer além daquilo que está escrito, ou seja, tudo o que está registrado no caderno, tanto sendo do aluno como sendo do professor, implica outras relações que não ficam escritas no caderno, como, por exemplo, a hierarquia dentro da escola, o que dizem os coordenadores pedagógicos, como é regida tal pedagogia para que aquela relação de professor-aluno aconteça de tal maneira.

Procura-se destacar a importância do contexto em que o pesquisador está incluído para o olhar nas demais peculiaridades presentes nos cadernos escolares. Por isso, a pesquisa com cadernos deve ter o cuidado em apresentar inferências e possibilidades de investigações. O objeto utilizado no dia a dia da sala de aula para o registro das aulas apresenta o que está

sendo ensinado e, de certa forma, aprendido; o que de fato está sendo interiorizado pelo aluno não fica presente. Contudo, sabendo que o caderno é o artefato onde o aluno sistematiza suas aprendizagens, fica claro que ele não é neutro, pois assim como recebe informações nos registros das atividades, no momento em que o aluno ali escreve, ele exerce seus saberes. Desta forma, o caderno se caracteriza “[...] como um conjunto de signos que se articulam e entrelaçam de modo particular, como práticas discursivas.” (GVIRTZ; LARRONDO, 2008, p. 40). Tais práticas discursivas são o que acontece na sala de aula e o caderno registra de forma relacionada com os saberes do aluno.

Além disto, para que todos estes registros sejam feitos, existem regras. A relação de poder na sala de aula se faz presente nos cadernos. Aparecem desde as marcas de correção da professora em relação aos acertos e erros até recados sobre melhoramento da letra, espaço para parágrafos, utilização de letras maiúsculas e minúsculas, até mesmo na utilização do tempo que o aluno precisa para que copie o conteúdo do quadro ou realize os deveres. Estas regras que se encontram nos cadernos não estão direcionadas apenas para a escrita do aluno, pois na escola o aluno conhece outras regras diferentes do seu convívio familiar e quando, na própria escrita, ele precisa se deter a tais configurações ele pode interiorizar que na escola, na sala de aula e com o seu próprio suporte para a escrita ele precisa seguir alguns conceitos que normatizam o seu registro para a aprendizagem.

Estas questões não estão escritas nem desenhadas no caderno, mas quando se analisa as marcas que os cadernos possuem, induze-se a fatos como estes que estão implícitos no objeto. O aluno, com a utilização do caderno, precisa se organizar a um determinado período para realizar o registro, seguindo as regras da escrita e relacionando com os seus saberes. Ou seja, o caderno escolar é muito mais que um objeto de registro de classe, ele permite ao aluno, mesmo que indiretamente, aprender a distribuir o uso do tempo na sala de aula, as regras da escrita e até mesmo as regras de convivência da sala de aula e a hierarquia, já que o aluno segue uma autoridade, que é o professor.

Sendo assim, o que podemos encontrar são pistas de um passado escolar dentro de um caderno, ele ainda assim não mostrará todas as perspectivas vividas na sala de aula. Muitos acontecimentos dentro da escola não ficam registrados e mesmo que se ficassem não seriam completos, pois não saberíamos, lendo um registro, como foi o acontecimento em si, como foram os gestos, as falas, os movimentos. Não poderíamos saber, apenas através dos cadernos, o que acontecia na sala de aula, como estavam dispostas as classes a cada dia, como eram os mobiliários. Afinal, trata-se de um caderno escolar e não de um registro diário da organização da turma. Porém, por vezes, algumas destas eventualidades não presentes no artefato

analisado deixam algumas dúvidas sobre aspectos que possam estar sendo investigados. Assim como afirmam Lopes e Galvão (2001), “Por mais que o pesquisador tente se aproximar de uma verdade sobre o passado, apostando no rigor metodológico, permanecem sempre fluidos e fugidios os pedaços de história que se quer reconstruir.” (LOPES; GALVÃO, 2001, p.77).

Um caderno não está sendo preservado para dizer tudo. Quem guarda estes objetos procura cuidá-los como uma lembrança. Para o caderno ser o produto final em que ele se apresenta, muitos fatos aconteceram e o fizeram permanecer guardados. Lopes e Galvão (2001) deixam claro que a história presente nos cadernos escolares tem a ver com a relação do produto com quem o preserva, por isso para quem guarda um caderno tem um determinado sentido visto do contexto em que se encontra.

A seleção já foi feita tanto por aqueles que produziram o material, pelos que o conservaram ou que deixaram os rastros de uma destruição – intencional ou não –, por aqueles que organizaram em acervos e pelo próprio tempo. Nesse sentido é que a história será sempre um “conhecimento mutilado”, pois só conta aquilo que foi possível saber a respeito do que se quer saber. (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 79).

Desse modo, a história que procuramos em um caderno escolar vai sempre depender do que ele tem para nos dizer. É um recorte da história que fica registrada. Não fica limitada a história apenas ao caderno, pois é possível relacionar outras pesquisas, por exemplo, com documentos da instituição que frequentou o aluno, responsável pelos cadernos. Mas, vai depender principalmente do contexto e do olhar do pesquisador para encontrar as respostas que procura dentro do suporte investigado.

3 DA ESCOLA PRIMÁRIA SANTA ROSA DE LIMA AO COLÉGIO SANTA ROSA DE LIMA

O presente capítulo apresenta um pouco da história da escola, a qual frequentou o aluno José Luiz Bonamigo Filho, a quem pertencem os cadernos, objetos de estudo desta pesquisa. A Escola Santa Rosa de Lima localizava-se na Rua Santa Teresinha, no Bairro Santana, em Porto Alegre. A importância de situar a historicidade da escola serve para que se possa compreender um pouco a trajetória institucional de onde foram realizados os registros, pois para que se fale em cadernos escolares e no contexto de onde surgem as normas e ideias para a escrita, é preciso a articulação com a história da escola e, assim, podem ser feitas inferências que guiem a compreensão da situação histórica e pedagógica da instituição.

Apesar de cada escola possuir suas metodologias e sua administração, o que torna comum as instituições de ensino é a educação e a formação de alunos. Além disto, a escola é um espaço para socialização, na qual os estudantes têm a oportunidade de conviverem em grupo, aprendendo regras de convivência que podem auxiliar nas suas inserções sociais. Ainda que cada escola siga uma linha metodológica, no seu determinado contexto, cada professor e professora tem os seus métodos para ministrar suas aulas, porém, independente das suas individualidades, seguir a metodologia assumida pela escola faz com que, num caderno escolar fique registrado, ainda que indiretamente, o método educacional adotado pela instituição. É uma característica importante, porque na contextualização da análise de um caderno escolar, é possível entender, através de inferências, os motivos que levam tais atividades registradas serem de tal forma e não de outra.

A Escola Santa Rosa de Lima passou por algumas modificações ao longo da sua existência, acompanhando as modificações epistemológicas no conceito de educação³ e outras alterações que caracterizaram esta instituição.

Para o levantamento dos dados que descrevem a história da escola, foi realizada uma busca em alguns documentos recuperados e arquivados na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FACED/UFRGS), pela professora Maria Stephanou. São alguns documentos, pois quando a escola fechou, muitos foram perdidos. Estão arquivados na Faculdade de Educação da UFRGS, porque assim como vários docentes da universidade tiveram seus filhos matriculados na instituição, alguns também fizeram parte da administração da escola, sendo assim, a professora Maria (uma das ex-presidentes da

³ Nas décadas de 1970 e 1980 a educação era caracterizada por uma marca tradicional, baseada em conceitos que centravam a professora como transmissora de conhecimentos; já nos anos de 1990, iniciavam sinalizações de mudanças para concepções construtivistas, visando os saberes dos alunos.

fundação que mantinha a escola) se responsabilizou pelos documentos que conseguiu recuperar para o arquivamento, já que muitos haviam sido postos fora. Também foi realizada uma pesquisa na Internet⁴, buscando informações sobre a escola e sobre o motivo do seu fechamento.

Dentre os materiais pesquisados para este capítulo, os que mais contém informações históricas se referem às revistas que eram produzidas anualmente na escola em comemoração ao seu aniversário. Além das revistas, foram encontrados informativos com a agenda da escola, informando datas de passeios que determinadas turmas iriam realizar e eventos da escola, narrativas de alunos, professores e diretores, sendo entrevistas e falas que caracterizavam e também adjetivavam a escola.

A revista mais antiga encontrada no arquivo foi a de comemoração dos 30 anos da escola, em 1995. O objetivo do periódico era registrar a história da instituição através de relatos, documentos, procurando estabelecer relações com o contexto vivido no Brasil na época da fundação da escola. A frase que ilustra a capa desta revista é: “Uma Instituição que não conhece seu passado, não consegue projetar o seu futuro.”.

Com base nos documentos analisados e seguindo o relato da trajetória institucional, o texto segue fazendo referência às mudanças da nomenclatura da escola, desde sua criação, passando pelas mudanças ocorridas ao longo do tempo de sua funcionalidade, seguindo uma cronologia. Para isto, antecede uma breve contextualização do Brasil para situar a história e os movimentos que ocorriam no país.

As décadas de 1960 e 1970 foram anos que marcaram a sociedade, a economia e a política do Brasil. Com alterações na estrutura política, em 1964 iniciou o regime de ditadura civil-militar, caracterizada por grande autoritarismo, repressão e censura. Nos anos de 1970, a fase conhecida como “milagre econômico”, provocou uma crise econômica que afetou o desenvolvimento da economia nacional, aumentando significativamente a inflação e gerando mais dívidas externas, além de desempregos e a própria queda do setor econômico do país. Além deste fato, no final da década de 1970, iniciou-se um processo de abertura política que visava, em um segmento lento e com bases democráticas, o fim da ditadura; contudo, apenas em 1985 o regime militar teve fim.

Ao mesmo tempo que ocorriam estes acontecimentos históricos importantes que marcaram o país, a escola também passava por modificações. Em 17 de março de 1965, a

⁴ Na pesquisa feita na Internet foram encontradas apenas informações sobre o motivo do fechamento da escola, sendo retiradas do site <http://www.sul21.com.br/jornal/justica-da-posse-de-antiga-escola-santa-rosa-de-lima-a-ufrgs/>, acessado em 05 de maio de 2014.

Sociedade de Educação das Irmãs Dominicanas da Ordem Romana de São Domingos fundou a Escola Santa Rosa de Lima, iniciando seus trabalhos com 60 alunos. Os motivos pelos quais foi fundada a escola não estão presentes nos registros que consultei. Logo no ano seguinte, já com 146 alunos matriculados, a escola criou uma 1ª Série Primária, além do Pré-Escolar.

A escola, em 1970, passa a contar com turmas até a 5ª série e, em 1973, constituiu turmas de 6ª série. De acordo com a revista de comemoração dos 30 anos da escola, esta foi “a primeira grande alteração, do ponto de vista da estrutura educacional da Escola [...]” (FUNDAÇÃO SANTA ROSA DE LIMA, 1995, p.3), pois, seguindo a nova Lei de Diretrizes e Bases de 1971, a escola passava a ser de ensino primário, sendo a educação correspondente ao primeiro grau (equivalente do pré-escolar à oitava série).

A cada ano que passava, aumentava número de alunos matriculados, havendo uma progressão das séries escolares até que estivessem completas as turmas que formavam o primeiro grau de ensino. Seguindo na ordem cronológica, em 1974, formou-se uma turma de 7ª série e, em seguida, em 1975, a 8ª série, com a primeira turma a concluir o Primeiro Grau na instituição. Com estas alterações, em 1977, a escola passa a ser denominada “Escola de 1º Grau Santa Rosa de Lima”. Assim, percebe-se que a intenção inicial das Irmãs Dominicanas se distancia em ter uma escola apenas de Jardim de Infância.

Em 1981, as Irmãs Dominicanas da Congregação Romana de São Domingos encerraram suas atividades no Brasil, o que ocasionaria fechar a escola⁵. Porém, ainda em 1981, pais e funcionários da escola mobilizaram-se para manter a instituição em funcionamento. Desta forma, foi criada a Fundação Educacional Santa Rosa de Lima, sendo a mantenedora da escola, regida por pais e funcionários. Os motivos para estes pais assumirem a instituição de ensino, pode-se inferir que, se remetiam a uma não contemplação com outras escolas. Assim, a escola continuou aberta e em funcionamento e em 1993, começou a funcionar o 2º Grau, alterando novamente o nome da escola para “Escola de 1º e 2º Graus Santa Rosa de Lima. Por fim, a escola teve como nome “Colégio Santa Rosa de Lima”⁶.

A criação da Fundação, tendo a participação dos pais e da comunidade escolar para continuar as atividades da escola, além de contribuir com a educação e a escolarização dos seus filhos e alunos, foi algo inusitado e que caracterizou a instituição. Não é algo comum, pais assumirem em conjunto uma escola, uma vez que antes de terem esta atitude, acredita-se que cada um teria sua rotina, seu trabalho e tomar sobre si a responsabilidade de manter uma

⁵ Nos materiais consultados, não foram encontrados os motivos pelos quais as Irmãs deixaram a escola.

⁶ Também não foram encontrados registros da alteração da última nomenclatura, alterando o nome de Escola para Colégio.

escola em funcionamento, torna valorizável a educação que se tem dentro daquela instituição de ensino.

Quanto à Fundação Santa Rosa de Lima, dentre os documentos analisados no arquivo, encontrou-se o Estatuto da Fundação (1988), que esclarece algumas características importantes sobre o órgão. Sendo os membros da Fundação pais e responsáveis, incluindo professores e funcionários, os primeiros, tendo alunos matriculados na instituição e mantendo suas contribuições e doações em dia, tinham o direito de votar e serem votados para compor os cargos dirigentes da Fundação; os professores e funcionários da escola não tinham o direito ao voto nem a serem votados. Além disto, quem não tivesse filhos matriculados na escola, mas que contribuísse e fizesse doações poderia participar da Fundação, porém não teria direito ao voto nem a ser votado. Entre motivos como afastamento, morte e renúncia, o sócio da Fundação que deixasse de contribuir por três meses, era retirado daquela organização.

A Fundação dividia-se em três órgãos principais para sua organização, cada um possuindo sua devida responsabilidade, compostos pelos membros já citados, sendo: Conselho Deliberativo, Diretoria Executiva e Conselho Fiscal. Ao Conselho Deliberativo cabia poderes normativos, como a responsabilidade de eleger ou privar a diretoria da fundação, aprovar orçamentos, instituir regime de trabalho e normas de ação, entre outras funções como também a de ser responsável pelas contas da Diretoria Executiva. Já esta, a Diretoria Executiva, tinha a responsabilidade de administração mais ampla da fundação, como executar as decisões do Conselho Deliberativo, estar sempre em contato com este, informando movimentos do corpo escolar, responsável pela contratação de professores, escolha do Diretor da escola e também da organização da remuneração, entre outras atividades. Já o Conselho Fiscal estava responsável pelo setor financeiro, porém sempre baseados na prévia aprovação do Conselho Deliberativo.

A organização da Fundação, tendo como membros os pais e responsáveis dos alunos matriculados na Escola Santa Rosa de Lima, permitia este contato da família com a escola, diferenciando-se de outras organizações escolares, mas não deixando de ser escola. Os pais que constituíam a Fundação eram, em sua grande parte, professores e intelectuais que tinham um papel fundamental na questão de promover uma educação de alta qualidade.

É importante destacar alguns aspectos da metodologia de ensino no projeto pedagógico para que se faça uma contextualização das teorias educacionais adotadas na instituição. Talvez com esta apresentação seja possível considerar algumas características das estratégias de ensino utilizadas pela professora, presentes nos cadernos investigados. Para este

levantamento, a pesquisa foi baseada nos documentos da escola, sendo o Plano de Ação (1997) e algumas informações de um periódico e uma revista da escola.

Com base no Plano de Ação, até os anos de 1980, a escola tinha, em seu Projeto Pedagógico, um modelo Behaviorista⁷. As práticas escolares pautavam-se em atividades mnemônicas, em que era importante a memorização de informações e reprodução das mesmas, sendo o professor um transmissor de saberes. De acordo com o documento, nesta perspectiva, o professor, na sala de aula, tinha uma relação autoritária com os alunos.

A relação professor-aluno mostrava-se bastante afetiva, porém impositiva, na medida em que a organização da sala se constituía, quase que invariavelmente, de um aluno sentado atrás do outro, de um trabalho que privava pelo individual em detrimento do coletivo, de um planejamento e de uma avaliação que competiam exclusivamente ao professor. (ESCOLA DE 1º E 2º GRAUS SANTA ROSA DE LIMA, 1997, p. 3).

Ainda na consulta ao Plano de Ação, tendo em vista este panorama, na década de 1980 já com a Fundação assumido a escola, muitas reclamações da comunidade escolar foram surgindo, havendo comparações com outras escolas e suas formas de trabalhar em sala de aula.

A partir de 1991, o Projeto pedagógico foi reformulado, sendo baseado no modelo Construtivista⁸. Nesta transformação de teoria educacional houve também mudanças na estrutura pedagógica da escola a fim de auxiliar o corpo de docentes para efetivarem este modelo pedagógico. Na revista que comemora os 40 anos da instituição, a diretora daquele ano destacou a importância do construtivismo na escola, fazendo referências aos projetos construídos na escola, juntamente com os alunos, proporcionando uma educação produtiva e positiva. Na entrevista presente no periódico em comemoração aos 40 anos da Escola Santa Rosa de Lima, a diretora pedagógica, Marlene Brugalli, falou sobre o que fazia a instituição ser diferente, afirmando que:

O que o Santa Rosa faz, outras escolas podem fazer, mas a forma desse fazer é que faz a diferença: a forma de interagir com o aluno e com o conhecimento, de questionar o aluno, dar espaço para se colocar e produzir. O aluno do Santa Rosa tem uma capacidade produtiva ampla que se expressa em vários trabalhos concretos, no mundo virtual e no mundo das ideias. Tudo isso acontece num cotidiano

⁷ No Behaviorismo, baseado em B. F. Skinner, “[...] todo comportamento humano decorre da mutabilidade evidente de formas ensinadas que são aprendidas, e postas em práticas em culturas via modelagem ambiental.” (MOSQUERA; STOBÄUS, 2008, p. 80). Com isso, as ideias pedagógicas presentes nesta teoria dizem respeito a uma pedagogia diretiva, centrada no professor, em que, na visão epistemológica, o sujeito é entendido como “uma folha de papel em branco”, na qual o conhecimento é apenas transmitido.

⁸ A teoria psicológica “Epistemologia Genética”, de Jean Piaget, “[...] é o estudo da gênese ou origem do conhecimento humano.” (MARQUES, 2008, p. 17). A teoria educacional baseada em Piaget quer dizer que “[...] a gênese das estruturas cognitivas é explicada pela construção – daí construtivismo – mediante interação radical entre sujeito e objeto.” (MARQUES, 2008, p. 20), ou seja, o conhecimento se dará a partir das relações que o sujeito tiver com o objeto estudado.

dinâmico, perpassada pela efervescência das ações e relações institucionais. (FUNDAÇÃO SANTA ROSA DE LIMA, 2005, p.4).

Assim, é possível perceber que o modelo construtivista adotado já estava incorporado na escola e o desenvolvimento do trabalho pedagógico possibilitava novas propostas de projetos que foram dando destaque à instituição.

O Colégio Santa Rosa de Lima hoje tem suas portas fechadas. O prédio, após o encerramento da instituição, foi disputado pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre e pela UFRGS. De acordo com o repórter Felipe Prestes, em seu texto no site do “Sul 21”, “a Justiça deu posse imediata à UFRGS de todos os imóveis que pertenciam à Fundação Educacional Santa Rosa de Lima, que geria o colégio de mesmo nome, fechado em 2011.” (PRESTES, 2012). Tanto a UFRGS quanto à prefeitura depositaram em juízo valores para terem a propriedade em posse.

O motivo para que a escola fechasse surgiu de dívidas altas devido ao fato da diminuição de alunos. Em 1996, o colégio chegou a ter matriculados, aproximadamente, 900 alunos e, em 2011, o número baixou significativamente, sendo, apenas, 96 alunos com matrículas na instituição. Não tendo outros meios para quitar os débitos, foi necessário o encerramento das atividades da escola, sendo demitidos mais de 30 professores e funcionários.

Os fatores pelo quais diminuíram abruptamente o número de alunos não está explícito nas pesquisas realizadas, contudo é possível pensar em hipóteses que podem ter ocasionado o ocorrido, como, por exemplo, a concorrência com outras escolas particulares, que possuem suas estruturas organizacionais como empresas que visam lucro sem deixar a educação de lado, mas se diferenciam da Escola Santa Rosa de Lima que era mantida pela Fundação.

A escola foi bem conceituada durante suas atividades. Assim como é apresentado no informativo da data de 21 de agosto de 2003, o Colégio é reconhecido como um “centro de referência”, estando envolvido com projetos e pesquisas em avanços científicos, tendo alunos e professores pesquisadores. Além disto, a escola, enquanto ativa, foi bem conceituada também nos rankings do Enem devido o empenho voltado á educação.

A pesquisa feita sobre a escola está inacabada, visto que há possibilidades de uma investigação mais aprofundada. Os fragmentos de sua história estão guardados nos documentos consultados no acervo. Nesta pesquisa, a história da escola se limita devido ao fato de que a investigação concentra-se nos cadernos escolares, mas não haveria como falar nos cadernos sem antes ter realizado esta breve contextualização da instituição.

Percorrendo as trilhas da trajetória da escola até o seu fechamento, que mesmo tendo os motivos financeiros esclarecidos que levaram a desativação das suas atividades, a Escola Santa Rosa de Lima deixa marcas que servem ou deveriam servir de inspiração para outras escolas. Pensar que pais se responsabilizem pela educação de seus filhos assumindo uma instituição é incomum e, hoje, talvez difícil de acontecer, mas toda uma comunidade escolar se empenharem para que uma escola se aproprie de projetos que favoreçam a aprendizagem dos seus alunos, com uma educação que acompanhe o desenvolvimento da sociedade contemporânea não é impossível, pois esta é uma marca deixada pela Escola Santa Rosa de Lima, sendo referência na educação pela qualidade de ensino, que possibilita demais escolas a terem este empenho.

4 CADERNOS ESCOLARES DE 1984: (RE) DESCOBRINDO PERSPECTIVAS NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Em uma tentativa de descrição densa, o presente capítulo analisa cadernos escolares de uma 2ª série do primeiro grau de ensino, produzidos em 1984, de José Luiz Bonamigo Filho, aluno da Escola Santa Rosa de Lima. Dos três cadernos examinados, dois são de registros de aulas e o outro contempla tarefas que deveriam ser realizadas em casa. Para uma maior sistematização das análises, são nomeados os cadernos como: caderno 1 ou primeiro caderno, entendido como o primeiro caderno da 2ª série, utilizado no começo do ano letivo até a metade; caderno 2 ou segundo caderno, entendido como o caderno que deu continuidade ao ano letivo até o final; e o caderno de temas, como o próprio nome diz, utilizado para os deveres de casa, sendo um único para todo o ano letivo.

As análises dos cadernos estão organizadas em subseções, sendo que: a primeira descreve a materialidade, desde as capas até as suas composições e formas; a segunda descreve o ano letivo, registrado pelas datas; a terceira destaca os conteúdos desenvolvidos dentro das disciplinas; já a quarta investiga as atividades elaboradas e resolvidas nos três cadernos; a quinta subseção tenciona descrever a organização do aluno quanto ao uso do caderno; e, por fim, a sexta apresenta as marcas de correções da professora e os bilhetes entre aluno e professora.

4.1 ESTRUTURA FÍSICA DO SUPORTE DE ESCRITA

A investigação da materialidade do caderno escolar pode apresentar uma perspectiva de como era a veiculação do suporte de escrita no determinado contexto escolar. É possível também uma análise da padronização e normatização que havia em torno dos cadernos. A perspectiva da História da Cultura Escrita, segundo Antonio Castillo Gómez (2012), “[...] procura indagar a dimensão material, gráfica e textual dos cadernos e trabalhos escolares, com o objetivo de conhecer os modos concretos que meninos e meninas [...] apropriam-se e valem-se de uma tecnologia da palavra tão significativa como a escrita.” (GÓMEZ, 2012, p.68). O formato do caderno pode parecer não dizer nada, mas é a partir do suporte, que nesta pesquisa apresenta-se padronizado, que o aluno o utilizará com determinados limites, ou não, na sua escrita, seguindo as regras ou desobedecendo-as.

Os três cadernos possuem as mesmas dimensões, sendo 29,5 cm de comprimento e 21 cm de largura. Todos estão encapados com papel verde e colados com fita adesiva. Por todas as capas possuírem a cor verde, infere-se que seja uma espécie de padronização da escola. Esta ideia de estabelecimento de um padrão vincula-se a uma formalidade que caracteriza a instituição escolar que sempre primou pela homogeneização. Conforme afirmam Julia Varela e Fernando Alvarez-Uria (2006), “as novas instituições fechadas, destinadas ao recolhimento e instrução da juventude, que emergem a partir do século XVI [...] têm em comum esta funcionalidade ordenadora, regulamentadora e sobretudo transformadora do espaço conventual.” (VARELA; ALVAREZ-URIA, 2006, p.21).

No primeiro caderno e no caderno de temas, a capa possui uma identificação com o nome do aluno e a série cursada, escrita à caneta de cor azul, com uma letra que se diferencia do aluno, podendo ser, o mais provável, de um familiar ou, especificadamente, a mãe do aluno. Pensar na imagem da mãe para a tarefa de escrever no caderno do aluno parece um estereótipo, porém não há como fugir desta probabilidade, pois é algo mais comum, principalmente na época dos cadernos, o papel da mulher na vida escolar dos filhos, tendo a responsabilidade da casa, com diferença do papel do pai que poderia trabalhar fora. A única diferença do segundo caderno é que está identificado com um adesivo etiquetando o caderno com a identificação do nome, série e o nome da escola, sendo escrito pela mesma letra dos demais cadernos, com caneta azul por cima da escrita, aparentemente, caneta hidrocor de cor vermelha.

Na primeira folha de cada caderno há a escrita “Caderno de Aula”, com exceção do de temas, que diz “Caderno de Temas”. Todos escritos com caneta hidrocor de cor vermelha, não apresentando ser a letra do aluno, novamente podendo ser da mãe ou algum familiar, pois nos registros dos cadernos, a letra da professora aparece diversas vezes e não aparenta ser dela.

O primeiro caderno contém o carimbo com nome “José Luiz Bonamigo”, que pode ser o pai do aluno, algumas figurinhas do Snoopy, Charlie Brown e Pato Donald, enfeitando aquela folha, além da data do primeiro dia de aula: “Data: 13/3/84.”. As figuras que ilustravam a primeira folha podem ser referências dos anos de 1980, o que proporcionou a escolha de tais personagens para o destaque. Já no final do caderno, ainda na capa, na parte de dentro, há um “recado” escrito a lápis e em letra de forma, dizendo “vou te matar”, escritos com letras de forma, sem nenhum nome escrito.

No primeiro caderno, não há nenhuma escrita na última folha, diferente do segundo. Visto que o segundo caderno foi o último usado naquele ano, é possível pensar que, o aluno sentiu a liberdade de utilizar aquela folha, já que iria sobrar. Sendo o caderno um objeto com

intenção de escrita escolar, não há espaço para a liberdade do aluno, entretanto, na última página, pode-se observar evidências de uma escrita ordinária, da ordem do comum e onde não há regras, na qual é possível escrever o que quiser, sem a regência da professora. São também eventos de letramento⁹ do aluno, uma vez que está em processo de alfabetização.

De acordo com Marina Venafre Pereira de Souza (2010), as regras dos usos dos cadernos foram sendo rompidas para que a escrita pessoal do aluno pudesse estar presente, sendo assim, se fez o uso da última folha. “O uso da última página do caderno como sendo uma das alternativas mais cabíveis encontradas por seus usuários é de fato uma construção sócio-cultural.” (SOUZA, 2010. p. 23), visto que o caderno escolar é um artefato de uso regrado. Os desta pesquisa, por exemplo, já começam a delimitar o uso espontâneo pelo aluno no momento em que o seu formato é brochura, nem dando a liberdade de arrancar as folhas do caderno para uma escrita casual. A quantidade de folhas é algo que também delimita as suas utilizações. “Contemporaneamente os efeitos destas constituições culturais ainda persistem como estratégia dos estudantes quanto ao uso dos cadernos no ambiente escolar.” (SOUZA, 2010, p. 24).

Ao longo do segundo caderno não há nenhuma figura, nem desenhos ilustrativos, porém, na última folha há alguns desenhos formando o rosto de um boneco, valendo-se de formas geométricas; outros que parecem representar velas e um lampião; e um cenário de um quarto, com uma cama e um menino deitado, sobre ele um lampião e, na parede, um quadro ou uma janela. O cenário desenhado pode estar referindo alguma história que o aluno ouviu ou o que ele desejava no momento (dormir) ou, também, a representação de alguma cena vista. Já a escrita refere-se a um endereço e número de telefone com o nome “Vinicius Pittham Lopes”.

No “Caderno de Temas” está colada a identificação na contracapa, sendo escondida parte da escrita por conta da capa verde. Nesta folha, há figurinhas diversas, assim como de personagens do desenho Charlie Brown. Não fica identificado se a escolha das figuras é do aluno, assim como a disposição delas nesta capa, porém acredita-se que sim, já que pode ser uma marca do aluno como uma identificação, fugindo da formalidade em que o caderno seguia. Os cadernos são de formato brochura, em que há uma dificuldade de retirar uma folha sem que desestruture outra, diferente do caderno de formato espiral em que uma folha é

⁹ Entende-se letramento “[...] como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos.” (KLEIMAN, 1995, p. 19). As diferentes práticas de letramento referem-se à leitura de imagens, oralidade e escrita. No contexto da sala de aula, “[...] uma prática de letramento escolar poderia implicar um conjunto de atividades visando ao desenvolvimento de estratégias de compreensão da escrita [...]” (KLEIMAN, 2005, p. 10).

independente da outra. Ou seja, este formato permite um maior controle pela professora, não permitindo arrancar folhas do caderno, regrando o aluno ao não desperdício de folhas e principalmente ao capricho e organização.

Cada caderno é composto por 80 folhas com linhas e traçado para margem; apenas o utilizado para temas de casa não possui uma folha, estando apenas uma pequena parte, identificando que foi recortada, totalizado 79 folhas. O primeiro caderno tem apenas uma folha em branco, a última, sendo utilizadas 79 para a escrita; o segundo, das 80 folhas, 59 foram utilizadas para os registros de aula; e, o de temas, foram utilizadas 71 folhas. O caderno de temas foi utilizado para todo o ano letivo, enquanto os outros dois ficaram divididos já que o primeiro ficou completo, faltando folhas para os demais dias letivos. Sendo assim, o caderno de tema de casa, não recebia o mesmo número de atividades que os outros recebiam.

4.2 QUANTO AO ANO LETIVO

Abaixo, seguem tabelas que ilustram os dias letivos registrados em cada um dos cadernos.

Tabela 1 - CADERNO 1

Março	Abril	Maió	Junho	Julho	Agosto	Setembro
13, 14, 15,	2, 3, 4, 5,	3, 4, 8, 11,	1, 5, 6, 7,	3, 5, 6, 9,	2, 6, 7, 8, 10,	3, 4, 5, 6, 10,
16, 19, 20,	6, 9, 10,	14, 16, 17,	8, 11, 12,	10, 31.	13, 14, 15,	12, 13, 14,
22, 23, 27,	11, 13, 16,	21, 22, 23,	13, 14,		16, 17, 20,	17.
28, 29, 30.	26.	24, 25, 28,	15, 18,		21, 22, 23,	
		29, 31.	19, 26.		24, 27, 29	

Foram registrados, no Caderno 1, 83 dias letivos, não contendo registro de faltas, feriados ou reuniões escolares. O mês de Julho apresentou o menor número de dias letivos, podendo ser o período de férias de inverno. A primeira data presente neste caderno é “13/3/84”, assim representada na escrita. Este não necessariamente é o primeiro dia de aula, visto que no Caderno de Temas, referida mais abaixo, a primeira data escrita no caderno é do dia anterior. A última data presente registra a aula de “17/9/84”.

Tabela 2 - CADERNO 2

Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
24, 26, 28.	1, 2, 3, 4, 8, 9 10, 16, 17, 18, 22, 23, 25, 26, 29, 30, 31.	7, 8, 12, 13, 14, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 29, 30.	3, 4, 5, 6, 7.

Foram registrados, no Caderno 2, 40 dias letivos, não estando presentes nenhuma escrita de faltas, feriados ou reuniões escolares. A exceção destes registros que podem justificar alguns dias sem nenhuma nota de aula no caderno é no dia “10/10/84”, na qual a data segue com uma escrita de “Bom dia, boletins!”, podendo ser entendido conselhos de classes e a entrega dos boletins.

Neste caderno, a primeira data que aparece é “24/9/84”, tal como está escrito. Sendo a última data registrada no primeiro caderno “17/9/84”, comparada com a primeira deste, e sabendo que ambas eram segundas-feiras, neste mês de setembro, quase uma semana inteira não teve nenhum registro por falta do aluno ou porque não teve aula ou porque pode ter havido alguma atividade naquela semana em que o uso dos cadernos não foi necessário. A última data registrada é do dia “7/12/84”.

Tabela 3 – CADERNO DE TEMAS

Março	Abril	Maió	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro
12, 13, 14, 15, 16, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 28, 29, 30.	2, 3, 4, 5, 6, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 17, 18, 24, 25, 26.	2, 3, 4, 8, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 28, 29, 30, 31.	1, 4, 5, 6, 7, 8, 11, 12, 13, 14, 15, 18, 25, 27, 28, 29.	3, 4, 5, 6, 9, 11, 12, 30, 31.	1, 2, 3, 6, 7, 8, 10, 13, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 27, 29, 31.	3, 4, 5, 6, 10, 11, 12, 13, 14, 17, 18, 19, 21, 24, 25, 27, 28.	1, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 10, 11, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 25, 26.

Foram registrados, no Caderno de Temas, 129 dias letivos ou, pelo menos, dias em que foi recebido atividades para casa. O mês de Julho é o que apresenta o número menor de dias letivos devido às férias. Sendo consultado um calendário de 1984, foi possível verificar que havia temas de casa enviados em sextas-feiras, ou seja, não havia restrições de dias para enviar a tarefa de casa. A primeira data presente no caderno é “12/3/84”, representando o início das aulas, porém a última data, “26/10/84” não se refere ao último dia de aula. O caderno possui algumas poucas folhas em branco, não utilizadas pelo aluno e termina seus

registros com a referida data; além disto, do acervo de onde foram consultados os cadernos, não havia mais nenhum referente a esta data nem a este aluno, portanto fica questionável se as tarefas de casa continuaram sendo entregues e registradas em outro caderno ou não.

Pela quantidade de tarefas para casa serem quase que equivalente as desenvolvidas em aula, percebe-se a importância ou o reforço destas atividades para a escola. De acordo com Elisângela Fernandes (2011), “para o professor, é uma forma de avaliar se os objetivos foram cumpridos, o que a turma aprendeu, as diferenças individuais e o que retomar.” (FERNANDES, 2011, s/ pág.). Contudo, não são apenas com os deveres de casa que seria possível avaliar estes critérios, já que as atividades eram as mesmas de sala de aula, com poucas variações.

4.3 O QUE SE ESTUDAVA?

Abaixo, seguem duas tabelas destacando os conteúdos desenvolvidos nas aulas, divididos no primeiro caderno e no segundo.

Tabela 3 – CONTEÚDOS: CADERNO 1

Português	Matemática	Ciências	Estudos Sociais (História e Geografia)
<ul style="list-style-type: none"> - Sinônimo e antônimo; - Adjativos; - Leitura e interpretação de textos; - Rimas; - Parênteses - Ortografias; - Singular e plural; - Gêneros; - Graus dos substantivos; - Classificação das sílabas; - Substantivos: próprio e comum, coletivos e derivado; - Pontuação; 	<ul style="list-style-type: none"> - Par e ímpar; - Unidade, dezena e centena; - Dobro e metade; - Soma e subtração simples; - Sequência numérica; - Números romanos; - Números ordinários - Horas - Composição e decomposição; - Termos da adição, subtração, multiplicação e divisão; - Problemas matemáticos orais e escritos; - Calendário (dias da semana, meses); - Sistema monetário (cruzeiro); 	<ul style="list-style-type: none"> - Seres vivos (diferença dos seres humanos e animais); - Animais (características, classificações); - Plantas (partes e funções); - Tratamento da água; - Higiene; - Alimentos. 	<ul style="list-style-type: none"> - História da escola: suas dependências e funções; - Tradicionalismo Gaúcho (traje gaúcho, comida típica); - Datas comemorativas (São João, Dia do Soldado, focando em Duque de Caxias); - Independência do Brasil (referência à Pátria).

- Tipos de frases; - Advérbios.	- Multiplicação e divisão; - Soma e subtração com recursos; - Conjuntos; - Sinais matemáticos; - Unidades de medidas.		
------------------------------------	---	--	--

Tabela 4 – CONTEÚDOS: CADERNO 2

Português	Matemática	Ciências	Estudos Sociais (História e Geografia)
- Ortografias; - Singular e plural; - Adjetivos; - Substantivos derivados, coletivos, próprio e comum; - Classificação das sílabas - Antônimo e sinônimo; - Artigos; - Tipos de frases; - Leitura e interpretação; - Verbos; - Graus do substantivo; - Sinais de pontuação.	- Multiplicação e divisão; - Soma e subtração com recurso; - Números romanos; - Unidade, dezena e centena; - Horas; - Sistema monetário (cruzeiro); - Unidades de medidas; - Termos da adição, subtração, multiplicação e divisão; - Sequência numérica; - Problemas matemáticos; - Frações.	- Estudo das plantas (parte das plantas e suas funções, parte das flores e suas funções, parte dos frutos e suas funções).	- Estações do ano; - História de Porto Alegre; - Meios de comunicação; - Zona urbana e rural; - Índios.

Não foi elaborada uma tabela para os conteúdos presentes no Caderno de Temas, pois as tarefas de casa aparecem como sistematizações dos conteúdos vistos em aula e presentes nos dois cadernos, ou seja, eram os mesmos.

De acordo com a análise dos conteúdos trabalhados em sala de aula, fica evidente que a prioridade curricular baseou-se na Língua Portuguesa e na Matemática. Os conteúdos das disciplinas de Ciências, História e Geografia possuíram um foco menor e acredita-se que pelo motivo do currículo da 2ª série daquele contexto enfatizar o sistema da alfabetização, valorizando a leitura e a escrita, os sistemas de classificação das palavras, ortografias e gramática, entre outros conteúdos que fundamentam o estudo da linguagem.

O foco de análise dos conteúdos se concentra nos Estudos Sociais (englobando História e Geografia), visando uma problematização dos conteúdos desenvolvidos nesta disciplina. Observando o desenvolvimento dos conteúdos nesta disciplina, nota-se que, no caderno 1, há uma ênfase no ensino focado em datas comemorativas, apresentando nomes de pessoas considerados os *heróis* da História. Também observou-se alguns aspectos identificados ao tradicionalismo gaúcho, história e estrutura física da escola.

No caderno 2, aparecem mais elementos próprios do ensino da Geografia, como as estações do ano, zona urbana e rural. Cumpre destacar um projeto sobre Porto Alegre que aborda, entre outros temas, um pouco das concepções acerca dos indígenas.

No estudo de História, tratar sobre datas comemorativas ainda é algo presente nas salas de aulas, porém este modo de conceber a História é ultrapassado, remonta ao século XIX, valoriza os feitos de alguns, enquanto a maioria fica reservado um lugar secundário nas tramas da História. Nas palavras de Bergamaschi:

O ensino de história assume uma perspectiva que se resume em festejar datas num desfile linear, anacrônico e sem significado, ao lembrar fatos do passado de forma descontextualizada e sob um único viés, decorrente da atuação épica de personagens, reverenciados como 'heróis', e que figuram como seres sobrenaturais. (BERGAMASCHI, 2002, p.22).

No caderno 1, há registro de atividades de cópia de curiosidades, demonstrando o destaque dado às datas comemorativas, como:

Curiosidades:
 Você sabia que nas festas juninas comemoramos
 A data de 3 santos? São eles:
 13 de junho – Dia de Santo Antônio.
 24 de junho – Dia de São João.
 29 de junho – Dia de São Pedro.
 São Pedro é o padroeiro do nosso estado,
 O Rio Grande do Sul.

Curiosidades...
 Você sabia que...
 O mês de agosto é o 8º mês do ano.
 É um mês que comemoramos várias datas.
 - Dia 11 – dia do estudante
 - Dia 12 – dia dos pais
 - Dia 25 – dia do soldado
 - Dia 30 – dia de Santa Rosa de Lima

Entre as demais atividades, algumas focalizavam sobre o Soldado, trazidas abaixo, evidenciam a forma em que foi trabalhada a figura do Soldado na sala de aula (as escritas em destaque são as respostas do aluno):

Dar duas qualidades às frases:
 O soldado brasileiro é *alegre e bonito*.

Marcar com uma cruz as frases corretas:
 (X) Caxias sempre agiu com dignidade e respeito.
 (X) Caxias era um bom cristão.
 () Cumpru com seus deveres da escola.

Assim como, infelizmente, a história é vista linearmente nas datas comemorativas, os conteúdos se organizam em círculos concêntricos. Tal metodologia pressupunha que o aluno aprenderá partindo “[...] do próximo para o distante, do simples para o complexo, do concreto para o abstrato.” (BERGAMASCHI, 2002, p. 23). De acordo com esta ideia, infere-se que, sendo o conteúdo desenvolvido no caderno 1, a escola e, no caderno 2, a cidade, pode-se pensar que, no ano seguinte, o trabalho que se desenvolveu foi sobre o estado ou o país, assim como na série anterior pode ter sido um estudo sobre a família.

Quanto ao estudo da história da escola e suas dependências (caderno 1), seguem duas atividades para ilustrar a temática desenvolvida em aula (em destaque, as respostas do aluno):

Responder:
 Quando e quem fundou a nossa escola?
Pelas irmãs dominicanas em 1965.
 Quem foi a 1ª diretora?
A irmã Jeanne De La Pieve
 O que aconteceu em 1981?
Transformou-se em fundação, passando
A chamar-se fundação educacional
Santa Rosa de Lima.

Responder:
 Quais são os setores da nossa escola?
Possui: portaria, secretaria,
almoxarifado, mecanografia,
biblioteca, serventes, recreacionistas e
caseiros.

Quanto ao tradicionalismo gaúcho, foram apresentados alguns trajes típicos e algumas características da culinária gaúcha. Na há registro de nenhuma atividade que envolva um projeto sobre a temática, apenas uma apresentação e, em seguida, foram desenvolvidas as comemorações da festa junina. Contudo, ao apresentar trajes e culinária típica do Rio Grande do Sul, mostrou-se aos alunos apenas um gaúcho estereotipado e que foge ao gaúcho urbanizado, que não utiliza trajes típicos nem trabalha no campo, ou seja, o gaúcho que se vê no dia a dia. Diferente do que foi registrado no caderno, o que se tem são culturas gaúchas entrelaçadas à diversidade cultural e étnica da população. Tais culturas comumente são desvalorizadas pela escola que ainda insiste em apresentar uma espécie de modelo de algo que foi inventado pelo tradicionalismo gaúcho.

No caderno 2, foi desenvolvida uma unidade de trabalho, intitulada “Porto Alegre”, com o objetivo de estudar a história da cidade, seus pontos turísticos, entre outros aspectos, através textos leituras, ilustrações, composições, cartazes e exercícios para conhecer a cidade e suas belezas. Não há registro de outros exercícios, mas atividades que envolviam o projeto. Seguem, a seguir, alguns exemplos das atividades com as respostas do aluno em destaque:

Responder:

- Quem vivia por aqui? *Os índios.*
- Que faziam os índios? *Os índios caçavam, pescavam, nadavam, dançavam e brigavam.*

Transformar as frases negativas em afirmativas:

- Porto Alegre não é uma cidade alegre.
Porto Alegre é uma cidade Alegre.
- Porto Alegre não é a cidade sorriso.
Porto Alegre é a cidade sorriso.

Curiosidades:

Você sabia que

- O governador do nosso estado é Jair Soares.
- O prefeito da nossa cidade é João Dib.
- Porto Alegre é a capital do Rio Grande do Sul.
- Porto Alegre está localizada na margem esquerda do rio Guaíba.

Responder:

Qual o 1º nome da nossa cidade?

Porto de Dorneles.

Como se chamava um dos primeiros homens brancos que chegou ali? *Jerônimo Ornelas.*

Assim como as datas comemorativas ilustram *herois*, o estudo sobre a história de Porto Alegre desenvolvida no caderno 2 apresenta o homem branco como este *heroi*, pois a imagem dos índios aparece apenas como os primeiros moradores do espaço onde se formaria Porto Alegre. Somente, então, com a chegada dos “homens brancos” que a cidade pode ser construída. Bergamaschi (2002) destaca a ideia do estudo de história centrada no eurocentrismo, dizendo que,

Também é comum nas escolas uma abordagem que, ao destacar representantes de governos ou das elites como os responsáveis pelos acontecimentos passados, referenda a Europa como centro irradiador da história e da civilização, o homem, branco, adulto, cristão como representante de uma “normalidade” que passa a constituir a referência para todas as ações e relações, individuais e coletivas. (BERGAMASCHI, 2002, p. 22).

Além destas atividades, outras destacavam o progresso da cidade em relação ao uso de bondes como meio de transporte público e lâmpões como a principal iluminação pública. Sistematizando estes conhecimentos, foi registrado no caderno um quadro comparativo:

Antigamente	Com a chegada do progresso
Lâmpões	Luz elétrica
Bonde puxado a burro	Bonde elétrico
Fontes	Encanamento
Ruas de chão batido	Foram pavimentadas

Ao longo das aulas, seguiram atividades de responder, focando nas mudanças ocorridas em Porto Alegre. As respostas eram retiradas de textos que não estão presentes no caderno, mas é evidente este fato, visto que as respostas se tratam de cópias de trechos, como na atividade a seguir, na qual aparentam ser uma fala de um personagem, sendo este, Porto Alegre:

Responder:

- Como é Porto Alegre? *Sou uma cidade muito rica, tenho muitas fábricas, lojas e supermercados.*
- O que planejaram os engenheiros? *Eles planejaram a construção de viadutos e de um túnel para facilitar o trânsito das minhas ruas.*

Como não há o registro de produção de cartazes, ilustrações e tampouco produções textuais dos alunos, as atividades do caderno se restringiram a estes tipos de interpretações. Também não havia atividades de pesquisa por parte do aluno. Este tipo de projeto pode envolver passeios e a participação da família, pois se trata de um estudo sobre o ambiente em que os alunos vivem e estão inseridos. Conhecer o passado da cidade em que reside é importante no estudo de História e Geografia, mas para que o estudo seja interiorizado, a exploração física também é essencial e prazerosa na aprendizagem.

O destaque dado ao projeto sobre Porto Alegre apresenta uma perspectiva de que, somente no segundo semestre, os Estudos Sociais tiveram maior espaço nos conteúdos desenvolvidos na segunda série do primeiro grau de ensino. Contudo, este tipo de estudo pode ser desenvolvido ao longo de todo ano letivo, permitindo diferentes pesquisas e atividades, além do envolvimento da família e comunidade escolar. Nesse sentido,

A aprendizagem do conhecimento social é um direito dos alunos, e o campo da história é primordial para produzir essas identidades socioculturais cidadãs e democráticas, principalmente no que tange à compreensão das noções de ‘espaço’ e de ‘tempo’ e da inserção dos sujeitos, individual e socialmente, nos diferentes tempos e espaços. (BERGAMASCHI, 2002, p. 22).

Ainda dentro deste projeto sobre Porto Alegre, há uma passagem sobre os índios, sendo apresentados aos alunos como os “antigos moradores” da cidade. Numa das atividades, destacava-se um índio estereotipado, abordagem ainda comum nas escolas. O índio representado no caderno caçava, dançava e brigava, como se estas fossem as principais e únicas características dos indígenas. “Tratá-los de forma isolada e desconexa não contribui para a compreensão de sua historicidade” (MEDEIROS, 2012, p. 54). Os indígenas aparecem apenas como primitivos que residiam no local onde foi construída a cidade, um povo que simplesmente viviam por ali sem uma base de construção social. No momento em que Porto Alegre está em progresso, eles não pertencem mais à história da cidade, como se o índio, em algum momento, deixasse de fazer parte do presente. Estes fatos são totalmente controversos à realidade, pois os indígenas fazem parte da sociedade de Porto Alegre, assim como de diversas regiões do Brasil. Apresentar um índio de cocar na cabeça, com rosto pintado, caçando e dançando desvaloriza sua imagem e suas culturas, assim como afirma Juliana Schneider Medeiros (2012), “esses sinais diacríticos impostos pelos não índios são muito específicos e descontextualizados, ignoram a riqueza cultural e a multiplicidade de modos de vida [...]” (MEDEIROS, 2012, p. 55).

4.4 ATIVIDADES

Pela presente investigação, concluo que as diversas atividades encontradas nos cadernos, referentes aos conteúdos desenvolvidos, tinham como base a cópia de exercícios e textos de uma forma repetitiva, o que leva a pensar que a teoria educacional daquele contexto estava, de fato, fundamentada no Behaviorismo¹⁰. Tendo como características a memorização, a transmissão de conhecimentos e a pedagogia centrada na professora, a investigação das atividades exprime o Behaviorismo como base daquela educação. Para que fique mais claro, são citadas, ao decorrer do texto, as atividades encontradas nos cadernos.

No caderno 1, as atividades de Ciências e Estudos Sociais, na sua maioria, envolviam textos que não estavam presentes no caderno, porém eram registradas as leituras e seguidas das interpretações. Algumas vezes aparecem a cópia de parágrafos referente aos textos lidos. Os textos, que não apareciam nos cadernos, poderiam estar em livros didáticos ou, então, em folhas mimeografadas, guardadas em pastas separadas, já que a colagem de folhas nos cadernos é quase inexistente. Esta ausência dos textos, seguido das atividades referentes a eles, numa leitura descontextual, deixa a desejar o entendimento dos exercícios, ou seja, a falta dos textos nos cadernos não deixa claro o que eles expressavam, analisando apenas as atividades de interpretações, mesmo que estas fossem cópias de trechos da leitura, entretanto sabe-se que a leitura e a interpretação são atividades indispensáveis no processo de alfabetização. Quanto às interpretações, estas variavam entre responder questões, na qual as respostas eram cópias de excertos dos textos lidos; marcar “V” para a frase verdadeira ou “F” para a falsa; cópias (acredita-se, que do quadro) de curiosidades sobre datas comemorativas, algum assunto da área da Ciência e por vezes da Matemática.

Quanto às cópias de pequenos trechos do quadro, para todas as disciplinas, havia textos curtos intitulados “Curiosidades” e outros como “Você sabia que...”. Abaixo, segue um exemplo extraído do primeiro caderno, em relação a este tipo de atividades.

Curiosidades:

Um gaúcho pilchado usa: chapéu, lenço, camisa, faca, chaia, bombacha, boleadeira, guaiaca, botas, esporas, tirador.

- A comida típica do gaúcho é o churrasco, carreteiro de charque, feijão mexido, rabada etc. O mate é uma bebida muito usada pelo gaúcho.

¹⁰ De acordo com a teoria educacional expressa no Plano de Ação (1997), o Behaviorismo, sendo a teoria do comportamento humano, enfatiza a transmissão do conhecimento do professor ao aluno.

Nestas reproduções, a questão da transmissão de saberes, sem o estímulo ao aluno de procurar investigar o assunto, evidencia a linha teórica explícita no projeto pedagógico¹¹ da época, pois nesta cópia de curiosidades não tinha o sentido de instigar o aluno a pensar ou a pesquisar sobre os determinados temas. Fica visível, também a pedagogia centrada no docente, ou seja, os saberes partiam da professora e, talvez, sem valorização do conhecimento prévio do aluno. A atividade que segue abaixo é uma questão em que o aluno deveria responder à pergunta e, mesmo não havendo o registro de leitura prévia, nota-se a cópia direta de um texto.

“Responder:

O que é saneamento? O saneamento é o conjunto de cuidados que devemos ter para tornar o ambiente em condições próprias para vivermos.

Neste excerto, não está presente a transmissão de saberes da professora, porém ainda assim é um conhecimento que chega pronto ao aluno, sem que haja a real necessidade de interpretação, já que a resposta é encontrada no texto de forma explícita.

Além disto, nestas atividades, algumas vezes, o enunciado aparece como “Copiar com letra bem bonita”. Quando a atividade sugere a forma que o aluno deve adotar para escrever em seu caderno já se deduz um regramento quanto à escrita. Não há registros de exercícios de caligrafia nos cadernos investigados, porém o exercício de “escrever com letra bonita” já era uma forma de praticar a caligrafia. O aluno utilizou, nos três cadernos, a letra cursiva. A utilização deste tipo de letra tem como propósito a economia de tempo em cópias ou resolução das atividades, uma vez que o escriba não tem a necessidade de movimentar o braço para cima e para baixo, apenas estabelecer um movimento contínuo para um determinado lado. Tudo isto está ligado ao disciplinamento do corpo. Rosa Maria Souza Braga (2008) apresenta a obra de Orminda Marques, a qual desenvolveu um trabalho sobre caligrafia muscular, referente aos movimentos utilizados para a escrita. Segundo Braga,

Em sua metodologia, Orminda Marques procurou racionalizar a escrita através do disciplinamento do corpo e da conformação em relação à execução das técnicas, cuja intenção era fabricar um corpo escolarizado, capaz de se apropriar das transformações sociais e seguir em direção ao progresso. (BRAGA, 2008, p. 119-120).

Ou seja, o aluno, ao escrever, além do seguimento das normas ortográficas e espaciais, deveria manter a disciplina de utilizar uma caligrafia legível e que estivesse de acordo com o pedido da professora; deveria obedecer também o tempo para a escrita e ainda assim ter a letra bonita. Portanto, o exercício caligráfico diz respeito a mais uma cadeia de regras que o

¹¹ Ver capítulo “Da Escola Primária Santa Rosa de Lima ao Colégio Santa Rosa de Lima”.

aluno precisa seguir para que esteja de acordo com a normatização da escola, contudo estas regras não são atividades explícitas de uma aula, mas são regulamentos que vão se incorporando ao longo da escolarização, bem como afirma Braga (2008), quando diz que

A legitimação das regras não está circunscrita aos conteúdos das disciplinas e ao cotidiano da escola. [...] São normas que criam novos arranjos para as práticas escolares, que se constituem e são constituídas nos espaços escolares. São saberes e fazeres historicamente arquitetados que deixaram suas marcas nas práticas pedagógicas e se tornaram agentes da modelação dos corpos e das mentes. (BRAGA, 2008, p. 119).

Atividades como completar, ligar e escrever o que está sendo pedido na ordem do exercício aparecem com frequência tanto para a Língua Portuguesa quanto para a Matemática. Armar e resolver os cálculos, descobrir o segredo e problemas matemáticos escritos e orais foram atividades com mais ocorrência nos conteúdos da Matemática. Há apenas uma atividade pedindo a ilustração de um texto e outras poucas atividades ordenando que se desenhe o que está sendo pedido e relacionando com algum conteúdo trabalhado, ou seja, o desenho do aluno aparece muito pouco no caderno, sendo um excesso de escrita limitando um espaço para a expressão do aluno através de desenhos.

O desenho sempre será uma expressividade. Na alfabetização, ele tem uma importância fundamental no desenvolvimento da leitura e, principalmente, na escrita, uma vez que também é um evento de letramento, pois a leitura de imagens está presente na sociedade e nas diferentes culturas. O desenho é a representação concreta de algo que o aluno quer dizer quando não consegue utilizar palavras. O exercício de desenhar permite ao estar à vontade para contar uma história, por exemplo, através de imagens. É uma atividade de caráter lúdica que não deixa de ser pedagógica. Orminda Marques, segundo Braga (2008), defende a ideia de que o desenho auxilia no desenvolvimento da habilidade caligráfica no momento em que se faz desenhos para treinar a caligrafia.

Para ela, esses exercícios auxiliavam a ter postura correta para realização dos movimentos e deveriam estar associados ao que o aluno iria estudar, para aprimorar a coordenação motora. Assim, os exercícios, além de treinos dos movimentos das mãos, incorporavam a dimensão lúdica por meio de desenhos de interesse do aluno. (BRAGA, 2008, p. 118).

Tal como apresenta a autora, de acordo com Orminda Marques, os desenhos não devem se distanciar dos conteúdos desenvolvidos em aula, auxiliando, desta forma, o trabalho de aula e a aprendizagem do aluno.

Outras atividades presentes no caderno e que não exigiam a cópia eram em folhas mimeografadas, sendo o Mimeógrafo a forma tecnológica de reprodução mais utilizada na época. Na sua grande maioria, eram exercícios matemáticos: algumas folhas contêm

atividades diversas e semelhantes às registradas no caderno; outras possuem apenas problemas matemáticos ou apenas operações orais na qual ficavam registrados somente os resultados finais, não aparecendo nenhuma conta. Está presente neste caderno uma folha mimeografada, sendo “Tarefa de Casa”, bem como estava identificada e com exercícios matemáticos. Esta folha está datada com o dia “05/04/84”, tal como registrada, porém está colada na aula do dia “13/4/84”. Verificando o Caderno de Temas, as duas datas citadas possuem tarefa de casa, portanto, esta folha pode tratar-se de uma atividade extra ou uma atividade do dia.

Ainda nas folhas coladas neste caderno, aparecem alguns textos curtos, seguidos de exercícios após o conteúdo novo e também folhas somente com textos de conteúdos novos tanto de Português, Ciências e Matemática. Todas as folhas estão identificadas com a data e a série na parte superior.

Quanto ao caderno 2, há o registro de mais cópias de texto, comparando com o outro caderno, seguido de interpretações variadas como ligar, marcar resposta correta, relacionar colunas, circular determinadas palavras de frases. Apenas uma atividade de recorte e colagem de palavras está registrada e nenhuma folha está colada neste caderno. Algumas histórias copiadas citavam o nome do autor do texto. Ditados e curiosidades também continuaram a ser feitos.

Analisando as atividades dos dois cadernos, pode-se perceber que o caderno 2, sendo referente ao segundo semestre do ano letivo, não apresentou diferentes atividades em relação ao caderno 1, seguindo o desenvolvimento dos mesmos conteúdos, com poucas variações. Contudo, a cópia e utilização de textos esteve presente neste segundo caderno, seguido de interpretações que, em alguns momentos continuavam no dia seguinte. A exploração de um texto deve ser aproveitada em todos os âmbitos, ou seja, desde uma interpretação até a exploração de palavras e frases. Mesmo as interpretações continuarem sendo apenas cópias de trechos das histórias copiadas ou lidas, havia a sistematização de atividades relacionadas a exploração de palavras e frases.

Quanto ao conteúdo de Estudos Sociais, há um projeto sobre Porto Alegre, no qual está registrado no caderno que seriam realizadas leituras, composições, cartazes, ilustrações, e exercícios, porém não há nenhuma ilustração presente neste caderno; se houve produção de cartazes e atividades em que não fosse feito o uso do caderno também não ficou registrado.

Já no Caderno de Temas, as atividades não se distanciam das realizadas em aula, com exceção de cruzadinhas e enigmas, sendo estas as atividades que, na pesquisa, pode-se considerar as mais instigantes, comparando com a demais, já que, além de serem mais lúdicas,

necessitam dos saberes do aluno sem que haja um texto para consulta; nos temas ainda são pedidos recortes de palavras e imagens, o que se diferencia das atividades dos demais cadernos. A grande maioria dos deveres de casa é em folhas mimeografadas. Cada folha contém uma sequência de atividades sistematizadas às estudadas em aula e envolvem as diferentes matérias e seus respectivos conteúdos, contendo exercícios de português e matemática na mesma folha, por exemplo. Algumas das atividades das folhas necessitavam das linhas do caderno para serem realizadas, ou por falta de espaço ou porque se referem a um recorte e colagem ou porque é alguma cópia de texto.

A grande maioria destas folhas contém uma figura (personagem ou desenho qualquer) e uma fala deste desenho incentivando a realização do dever, como por exemplo, o desenho de uma vaca, dizendo: “Vou fazer este tema com muito cuidado!” ou uma caixa de presente, dizendo: “Para a tia, de presente vou dar este tema muito bonito.” As folhas mimeografadas eram digitadas e não escritas à mão.

O tema de casa faz parte da cultura escolar e tem por objetivo principal sistematizar os conhecimentos do aluno desenvolvidos em aula. Assim como afirma Elisângela Fernandes (2011), a atividade de casa precisa ser bem planejada para que não seja apenas um exercício de rotina, sem nenhuma intenção de finalidade. “Para o aluno, é o momento de, sozinho, ler, pesquisar, verificar o que aprendeu, levantar dúvidas, sistematizar conhecimentos e reforçar a aprendizagem [...]” (FERNANDES, 2011, s/ pág.), contudo seu nível de motivação estará ligado ao nível de desafio que a tarefa traz. Isto se diferencia das atividades do caderno de temas da pesquisa, uma vez que, na sua maioria, eram atividades similares as realizadas em aula. Além disto, a realização do dever de casa é um momento em que a família participa da aprendizagem do aluno, auxiliando-o a estabelecer rotina e esclarecendo dúvidas, cuidando para que não realizem a atividade no lugar do estudante.

As médias de atividades em cada caderno variam, sendo em torno de cinco exercícios por dia no caderno 1, variando algumas aulas para mais e para menos, incluindo a cópia de textos; no caderno 2, o número de atividades por dia é maior, variando entre quatro a oito cópias de exercícios, incluindo a cópia de textos; e no Caderno de Temas, cada folha mimeografada era preenchida com cinco atividades variando para mais ou para menos em alguns dias.

Investigando a prática pedagógica da professora, a partir dos cadernos, nota-se que a quantidade de exercícios distribuídas por dia, além de ser em números altos, compreendendo que tratava-se de uma turma de segunda série do primeiro grau de ensino, em nenhum momento ficou registrada a correção coletiva, ou seja, quando os alunos corrigem

propriamente seus cadernos enquanto a professora sonda as repostas corretas, permitindo aos alunos perceberem seus erros e acertos. Também é possível perceber que as atividades repetiam ao longo dos dias, considerando uma forma de aprender memorizando tais atividades. De fato, é uma estratégia comum no ensino quando a pedagogia centra a professora. Acredita-se, porém, que as atividades pudessem ser diversificadas dentro de um mesmo conteúdo, instigando o aluno a resolver as tarefas.

Das potencialidades do aluno, observadas na resolução das atividades, percebe-se que as dificuldades se encontravam na Matemática em alguns cálculos, especificadamente, na subtração com recurso e na divisão, e em Português alguns erros ortográficos comuns, sempre corrigidos pela professora. Nos demais exercícios, o aluno resolvia a todos sem a presença de erros. Quanto a correção da professora, escrevendo a resposta correta por cima da resposta do aluno, não permitia a ele pensar sobre seu erro e analisar qual seria a resposta correta. Sobre esta forma de corrigir, pode-se inferir que seja uma maneira de apresentar ao aluno um modelo, quer dizer, a professora como dona do saber, na qual o aluno poderia se inspirar.

4.5 O CADERNO E SEUS PROTOCOLOS

Os critérios analisados quanto à organização dos cadernos referem-se na estrutura que o aluno utilizava para escrever, as regras que ele seguia para conservar o capricho (ou não), muitas vezes explícitas pela professora com algumas anotações, o material que o aluno utilizava para a escrita, entre outras observações. Apesar do objeto pertencer a um aluno e este objeto ser pessoal, ele é formado por regras que direcionam a escrita e a sua própria utilização. Não somente o caderno, mas a própria escola é um lugar de regramento, onde a normatização da escrita se faz presente. Sendo assim, Antonio Viñao (2008) nos diz que “[...] o caderno é um produto da cultura escolar, de forma determinada de organizar o trabalho em sala de aula, de ensinar e aprender, de introduzir os alunos no mundo dos saberes acadêmicos e dos ritmos, regras e pautas escolares.” (VIÑAO, 2008, p. 22).

No primeiro caderno, assim como no segundo, para cada linha escrita, uma linha ficava em branco. A letra grande ocupava o espaço entre duas linhas. Em alguns dias não havia linhas falhadas e a letra era menor, podendo ser uma aula copiada em um dia diferente devido a alguma falta ou um capricho do aluno. Nas linhas em branco após a data e nas linhas que separam as atividades estão traçadas linhas coloridas, feitas com lápis de cor ou caneta hidrocor ou caneta, destacando o final da atividade e separando cada uma. Toda a escrita do

aluno foi feita a lápis. Para letras maiúsculas e números eram ocupadas três linhas, pois a grafia era maior. A data, do dia “13/3/84” ao dia “6/4/84” era registrada da seguinte maneira: “Data: 6/4/84.”; a partir do dia “10/4/84” passou a ser registrada com o nome da cidade: “Porto Alegre, 10/4/84.”; do dia “4/9/84” em diante havia outros registros abaixo da data, sempre desejando um “bom dia” a algo ou alguém (como o sol, o calor, as flores, ou alguma pessoa, por exemplo) e em seguida disto, o dia da semana: “ Porto Alegre, 4/9/84. Bom dia, calor! Hoje é terça-feira.”.

Esta ordenação diz respeito a um protocolo de organização da escrita no caderno, já que a separação das atividades com linhas coloridas, por exemplo, acredita-se que sejam regras estipuladas pela professora para esta disposição organizacional. Portanto, o aluno, ao escrever, já sabia qual era a rotina da escrita, seguindo dia a dia o mesmo protocolo e “nesse sentido, pode-se dizer que existe uma cultura do caderno escolar como espaço gráfico integrada por determinadas pautas sobre a forma, o conteúdo e a disposição ou ordem – *mise en page* – na página.” (VIÑAO, 2008, p. 23).

Nos cadernos de aula, aparecem algumas folhas que não foram usadas até o final e, em certas atividades, o aluno utilizou uma letra menor que a de costume, ocupando menos linhas. Quanto a não utilizar a folha até o final, pode-se deduzir que o aluno escolheu começar a próxima atividade na folha seguinte para que não ficasse fragmentada, com uma parte numa folha e a outra parte na folha seguinte; também é possível pensar que escrever no final da folha do caderno não é uma preferência do aluno, pois é um lugar da folha difícil de escrever: a letra sai diferente e a mão não fica bem posicionada, por exemplo. Quando o aluno diminui sua letra, ocupando menos linhas que a de costume, pode-se pensar na possibilidade de querer economizar folhas ou, então, na própria ideia de não querer mais escrever com a letra grande, como de costume.

No segundo caderno, o desenho da letra já não tem o mesmo cuidado e capricho como do primeiro. Quanto a este fato, pode-se pensar na questão de que o aluno já não possui mais o entusiasmo como no início do ano, já que as atividades continuam a se repetir e as férias começam a se aproximar; a rotina escolar poderia estar limitando o bom desempenho do aluno na sua organização, deixando de usar a boa letra pedida pela professora, fazendo as atividades como uma forma mecanizada e obrigatoriamente. As datas continuaram com a mesma forma de registro de como foram as últimas do primeiro caderno.

Quanto à organização do Caderno de Temas, antes de cada atividade em folha ou escrita (o que aparece com pouca ocorrência) é registrada a data do dia da aula ou do dia em que recebem o tema (caso não há nenhum registro no caderno de aula). Para as atividades que

precisavam das linhas do caderno para resolver, era copiado todo o enunciado do exercício que estava na folha colada no caderno antes de resolvê-lo. As datas e as atividades não estão separadas por linhas coloridas, como nos cadernos de aula, mas, às vezes, acredita-se que para organizar algumas respostas, o aluno destacava as linhas com lápis colorido. Todos os desenhos das folhas estão pintados ou contornados, podendo ser mais um dever do aluno em relação a atividade. A letra utilizada pelo aluno, a pedido da professora, é a grande, ocupando o espaço entre as duas linhas, contudo em diversas atividades o aluno diminui a letra.

4.6 MARCAS DA RELAÇÃO PROFESSORA-ALUNO

Neste item, procuro analisar as marcas da professora em relação as suas correções tanto dos exercícios quanto da escrita do aluno, a troca de bilhetes entre eles registrados nos cadernos e o levantamento da questão do tratamento do aluno quanto à professora com o chamamento de “tia”. Ancorando esta subseção na pesquisa desenvolvida por Alice Jacques Rigoni (2013) para a respectiva análise sobre marcas de correção, sabe-se que “essas marcas revelam-se como discursos da instituição, porque se tornam índices qualificadores das atividades e parecem requerer uma aprendizagem específica.” (JACQUES, 2013, p. 245). As marcas recorrentes nos cadernos escolares dizem respeito à vigilância e controle por parte de quem corrige, além de ser uma forma de avaliar a aprendizagem dos alunos. É mais uma forma de disciplinamento, pois a escrita e/ou os símbolos utilizados pela professora já dizem como deve ser feita a atividade, como deve estar organizado o caderno, enfim, destaca os erros, implicando um aperfeiçoamento e se faz a relação professora-aluno através da escrita.

Na análise feita no primeiro caderno, quanto à correção das atividades, todas as respostas corretas, os textos copiados e inclusive as datas recebiam o sinal de “certo”, representado por um desenho aproximado da letra “c”. Em alguns casos, ganhava uma estrela, mesmo nem todas as respostas estarem corretas, e em um exercício recebeu um elogio: “Lindo!”, talvez pelo capricho e organização do aluno, já que havia algumas respostas incorretas, porém a escrita estava legível e organizada. O sinal de “meio certo”, representado por um sinal parecendo a letra “c” com um traço, cruzando a parte inferior do desenho, e “errado”, representado pela letra “x”, apareceram poucas vezes e mesmo quando incorreta, a professora escrevia a resposta correta por cima da errada, sempre utilizando caneta vermelha e poucas vezes caneta azul. “O uso da caneta vermelha e os sinais gráficos empregados diariamente nas correções expressavam o elemento regulador da aprendizagem.” (JACQUES,

2013, p. 255), dando destaque ao erro e, ao escrever a resposta correta por cima da resposta do aluno, corrigia sem dar oportunidade ao aluno de repensar na resposta certa.

As correções feitas pela professora eram em palavras escritas com erros ortográficos, resultados e respostas inteiras incorretos, acentos que faltaram. “Vamos prestar mais atenção?” foi um recado da professora que apareceu em um exercício matemático no qual a maioria dos resultados estavam errados. Quando a atividade estava incompleta, a professora registrava um ponto de interrogação e escrevia uma pergunta fazendo referência ao que estava faltando. De acordo com o trabalho de Jacques (2013), estas anotações, assim como alguns bilhetes, citados ao decorrer do texto, “[...] escritos pela professora expressam expectativas que se transformam em pareceres que não se referem, exclusivamente, à produção acadêmica do aluno, mas também ao contexto relacional professor-aluno.” (JACQUES, 2013, p. 244).

Os demais escritos não referentes aos exercícios e atividades de aula aparecem neste caderno em algumas folhas. Nos cantos de algumas delas, no local do espaço da margem, há pequenos rabiscos e alguns desenhos geométricos também pequenos. Quanto à escrita de bilhetes, neste caderno ocorre apenas um, sendo do aluno para a professora com a resposta dela: “Um beijo José Luiz”, “Outro bem grande da Tia Cristina”.

Já no segundo caderno, seguindo o mesmo formato de correção, não apareceu nenhum sinal de meio certo e em muitas folhas o sinal de “certo” era grande (um para cada folha), contendo a rubrica e a data com a escrita “Visto!”. Este formato de correção apareceu duas vezes, sendo o primeiro do dia “31/10/84” ao dia “23/11/84”, porém a data registrada pela professora é “24/11”; a segunda aparição desta correção foi no dia “26/11/84” corrigido pela professora no dia “27/11”, conforme seu registro. A partir do dia 29/11/84 não houve mais correção. Observando as datas já no final do ano letivo, pode-se pensar na possibilidade de fechamento de notas e atividades avaliativas, o que ocasionou a não correção dos cadernos. É possível inferir assim também que os exercícios do caderno neste período eram apenas tidos como reforço dos conteúdos desenvolvidos ao longo do ano, portanto suas importâncias eram menores já que poderiam ser vistos apenas como sistematização (ou simples repetição de atividades).

Diferente do primeiro caderno, neste segundo não há estrelinhas nem recados incentivadores, como “Lindo!”. Numa determinada aula, o aluno utilizou letra menor que a de costume e, com isso, a professora deixou um recado pedindo para que utilizasse sempre a letra grande. Da parte do aluno, foram deixados dois bilhetes para a professora, porém nenhum respondido: “Um beijo José Luiz” e “Viva a tia Cristina”.

Quanto ao caderno de temas, a forma de corrigir seguiu igual, com os sinais de “certo”, “meio certo” e “errado”, corrigidos com caneta vermelha e, por vezes, azul. O ponto de interrogação também ocorre para atividades incompletas e datas não registradas. Estrelinhas e recados para o cuidado com parágrafos e letras maiúsculas estão registrados, assim como outros recados que marcam a correção da professora, como: “Não deixar páginas vazias!”, “Não deixar páginas em branco!”, “Não reconheci tua letrinha! Vamos voltar ao capricho de costume?”, “Lindo!”, “E a ordem do exercício?”, “Há muito espaço! Não é necessário fazer tão pequeno.” (em relação à letra do aluno), “Aumentar a letra!”, “Ótimo!”, “Observar: parágrafo! Aumentar a letra!”, “Parabéns!”. Percebe-se que neste caderno há mais a escrita da professora na questão da correção, entendido como uma forma de auxiliar a melhora da escrita do aluno e dar créditos quando a atividade foi bem resolvida. Quando o recado da professora refere-se ao melhoramento de alguma característica da escrita do aluno é entendido como atenção dela na sua correção, focando na aprendizagem do aluno. E quando o recado atribui elogios, esta ação, pedagogicamente incentivadora, reforça e estimula o aluno a se esforçar e estar motivado nos estudos.

Uma característica à parte dos outros cadernos e presente no de temas foi a quantidade de bilhetes trocados entre o aluno e a professora. Abaixo, segue uma tabela com os recados, composta pela data, o registro do aluno e a resposta da professora.

Tabela 5 – BILHETES

DATA	ALUNO	PROFESSORA
3/4/84	(Desenho de um coelho e um ovo de Páscoa) “Para a tia Cristina José Luiz feliz páscoa”	“Um beijo muito grande!”
4/6/84	(Escrita dentro de um coração) “Oi tia, Um beijo José Luiz”	“Outro pra ti com muito carinho!”
5/6/84	(Escrita dentro de um coração) “tia dia 6 vou levar uma maçã. Você gosta de maçã? Um beijo José Luiz”	“Adoro maçãs! Além de saborosas são muito nutritivas, não é? Outro beijinho pra ti!”
6/6/84	(Escrita dentro de um coração) “Oi tia como vai sua filha?”	“Vai bem, obrigada, e tu estás bem? Um beijinho!”

8/6/84	(Escrita dentro de um coração) Oi tia! Hoje vou trazer uma coisa nutritiva. Um beijo José Luiz Como vai sua família?"	(Escrita em um bilhete colado em formato de borboleta) "Que delícia deve ser tua merenda! Tudo o que é nutritivo é gostoso, não é? Minha família vai bem, obrigada, e a sua também? Um beijinho com carinho..."
11/6/84	(Escrita dentro de um coração) "Oi tia, hoje vou trazer uma maçã. Você gosta de maçã?"	"Adoro!"
6/8/84	"Que tema legal!"	_____
4/9/84	(Com corações desenhados do lado da escrita) "Tia não esquece de corrigir o meu tema do dia 27/8/. Gosto muito de ti. Um beijo José Luiz."	"Eu também gosto muito de ti! Um beijo com carinho."
17/10/84	"Um beijo José Luiz"	"Um beijo com carinho da tia"
18/10/84	"Viva a primavera que é a estação das flores!"	"Viva!"

Não fica evidente se os bilhetes foram escritos pela espontaneidade do aluno, se foi alguma combinação com um colega, se era rotina da turma por acordo da professora, até porque essas conversas estão registradas com maior ocorrência no caderno de temas, como se este caderno permitisse um espaço para o diálogo escrito do aluno com a professora. E de acordo com a análise dessa escrita, há a possibilidade de inferir sobre a relação professora-aluno na sala de aula (ou fora também), podendo ser uma relação amigável e afetiva, mas mantendo a postura de autoridade por parte da professora. É difícil, contudo, pensar na posição da professora frente aos alunos apenas com a análise de cadernos de apenas um, pois será que ela agia igualmente com todos ou mantinha uma relação de afeto apenas com alguns? Toda pesquisa tem seus limites e este é o desta pesquisa.

Quanto ao tratamento utilizado pelo aluno para se referir à professora, utilizando a palavra "tia", assim como ela mesma se intitulava nos registros dos bilhetes, Paulo Freire (1995) aborda uma discussão acerca deste enfoque, deixando claro as diferenças entre tia e professora, sendo a primeira um parentesco e a segunda, um ofício. Isto não quer dizer que uma professora não tenha afeto aos seus alunos e nem que uma tia não possa ensinar seus

sobrinhos, porém ser tia é por si um “cargo” afetivo (ou não) e ser professora envolve saberes e teorias, não deixando de lado o sentimento. Nas palavras de Freire, “ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa militância, certa especificidade no seu cumprimento enquanto ser *tia* é viver uma relação de parentesco. Ser *professora* implica assumir uma profissão enquanto não se é *tia* por profissão.” (FREIRE, 1995, p.11) [grifos do autor].

O autor apresenta ainda a ideia de que identificar a professora como tia envolve uma política de comportamento, quer dizer, ser chamada de tia dá ênfase no sentimento, na afeição, deixando escondido o lado democrático da professora, desvalorizando o lado profissional que, por sua vez, é muito mais que ser tia. No contexto em que foi produzida a obra de Freire, ele afirma que “identificar professora com tia, o que foi e vem sendo ainda enfatizado na rede privada em todo o país, é quase como proclamar que professoras, como boas tias, não devem brigar, não devem rebelar-se, não devem fazer greve.” (FREIRE, 1995, p. 12) [grifos do autor]. Então, como tias, devem portar-se como tal, não deixando de ensinar, mas não tendo destaque dentro da hierarquia da instituição.

Com isto, entende-se que o contexto que situa a professora dos cadernos condiz com os argumentos do autor, ainda que seja uma crítica a este tratamento. Porém, se é opção dela ser chamada de tia ou se é alguma imposição da escola, não fica evidente na pesquisa com os cadernos.

5 CONSIDERAÇÕES “FINAIS”...

Tendo em vista as análises sobre os cadernos escolares da segunda série do primeiro grau de ensino, no ano de 1984, inseridos no contexto escolar da Escola Santa Rosa de Lima, retomam-se, neste capítulo, aspectos significativos do trabalho. É importante deixar claro que a pesquisa não se limita apenas nas investigações realizadas, mais que isto, dentro de cada análise encontram-se diversas linhas que podem ser estudadas com aprofundamento e outros olhares. Além das subseções da presente pesquisa, outras características dos cadernos possibilitam incontáveis campos de pesquisa, desde a materialidade até os conteúdos, a escrita, o trabalho pedagógico, entre muitos outros.

No conceito de “fonte primária neutra”, apresentado pelas autoras Silvina Gvirtz e Marina Larrondo (2008), fica evidente o fato de que o caderno é um objeto simples e comum e atribuirá significado no momento em que for utilizado. A utilização, por sua vez, escolar, transformará a neutralidade do objeto em um suporte carregado de significados, adquiridos por quem o usa. Os registros feitos no caderno são conhecimentos adquiridos ao longo das aulas e estas escritas, por sua vez, não são apenas de quem escreve, mas também de quem as conduz. Ou seja, o que é produzido no caderno envolve o aluno, a professora, os saberes prévios do aluno para transformar as novas lições em novos conhecimentos, os saberes da professora para ministrar as aulas, as regras da escrita e da utilização do caderno inseridos numa cultura escolar, as normas e o tempo que o aluno utiliza para fazer os registros, enfim, para que o caderno deixe de ser uma fonte primária neutra ele estabelece relações não só com quem nele escreve mas com toda a normatização e saberes prévios de professora e aluno.

Ainda que os registros possam mostrar muito sobre a prática pedagógica, os conteúdos desenvolvidos e as atividades realizadas, o caderno será um suporte que não permitirá dizer muito além dele. É possível fazer uma leitura sobre determinada aula, mas não é provável que através das escritas se evidencie as falas e gestos na sala de aula; não estará registrado a disposição física da sala de aula, as conversas, as explicações da professora, o que foi discutido em um possível trabalho em grupo... Apesar de apresentar características da aula, da pedagogia e da cultura escolar na qual se insere, a pesquisa em caderno escolar restringe-se na escrita inserida nele. Importante deixar claro que isto não desvaloriza esta fonte para o trabalho, pelo contrário, através dele pode-se ter foco em determinados aspectos, porém o limite da pesquisa estará naquilo que está registrado.

Algo que ficou evidente nesta pesquisa foram o regramento e a normatização do uso do caderno escolar. As regras estão impostas para que a escrita seja formal, contudo algumas regras aparecem expostas, principalmente quando há a marca da professora orientando o tamanho da letra e a margem que precisa ser utilizados, por exemplo. O formato do caderno em si já apresenta uma norma também, pois sendo do tipo brochura, impede o aluno de retirar folhas e, de certo modo, exigindo que do aluno um determinado controle. A separação das linhas com um lápis ou caneta e a utilização de uma letra grande (e bonita) são protocolos que o aluno deve seguir dia a dia na escrita. Além disto, deve estar organizado para que copie as atividades num determinado tempo. “Este dispositivo requer para sua utilização um processo de aprendizagem das regras que determinam seu funcionamento. Como produto cultural, essas regras só podem ser construídas em âmbitos especialemnte instituídos para tais efeitos.” (GVIRTZ; LARRONDO, 2008, p. 40). Portanto, o caderno com suas regras é um objeto que instrui o aluno a escrever formalmente diante de uma aula, limitando seu uso e regendo seu tempo.

Apesar das normas, o caderno escolar evidencia escritas que fogem às regras, as escritas ordinárias, encontradas na última folha do caderno como uma forma de fugir do olhar da professora. O caderno é um material pessoal, individual, portanto, o aluno, na última folha, acha o espaço ideal para a sua escrita, sem precisar fazer a letra grande e caprichada, podendo desenhar e fazer suas anotações como preferir. É o seu espaço livre.

O caderno expressa aprendizagens, regras, conhecimentos, condutas, erros e acertos, protocolos e muito mais; o caderno revela uma história, está imerso numa cultura, diz respeito a um passado individual e coletivo. Ainda que fragmentada, a história que o caderno apresenta, baseada em todo seu contexto, diz muito sobre a educação de uma época e de uma determinada instituição.

Quanto à historicização da Escola Santa Rosa de Lima, de todo o percurso histórico, o que se destaca nesta pesquisa como um aspecto importante a ser retomado é a importância da Fundação Santa Rosa de Lima, sendo composta por pais. A característica da escola, através da Fundação, era não estar dentro dos padrões competitivos que as escolas da rede privada apresentam, sendo vistas e administradas como empresas. E a ideia de uma instituição ser assumida por pais resgata a importância da participação da família que, hoje se distancia cada vez mais.

Para além desta pesquisa, é possível elencar outros estudos futuros, como o aprofundamento da história da Escola Santa Rosa de Lima, resgate de outros materiais como outros cadernos, diários de classe, boletins, atas de reuniões, entre tantos outros documentos

que embasariam uma pesquisa; além disto, a História Oral com a busca por narrativas entre professores, alunos e também funcionários. Todas estas ideias comportariam pesquisas importantes para a História da Educação.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Maria Helena Camara. Um Retrato Multicolorido da Escola: Cadernos de uma Aluna Singular (1953 – 1957). In: BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt (Orgs.). **Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: memórias e histórias (1958 – 2008)**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2013. P. 307-336.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. O tempo histórico no ensino fundamental. In: HICKMANN, Roseli Inês (Org.). **Estudos Sociais: outros saberes e outros sabores**. Porto Alegre: Mediação, 2002. P. 21-33.

BRAGA, Rosa Maria Souza. “A boa letra tem grande importância”: Orminda Marques e as prescrições sobre a escrita. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.). **Cadernos à Vista: Escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2008. P. 49-68.

ESCOLA DE 1º E 2º GRAUS SANTA ROSA DE LIMA. **Plano de Ação**. Porto Alegre, 1997. [Impresso].

FERNANDES, Elisângela. **A hora de estudar sozinho e ver o que aprendeu**. Ed. 243. São Paulo: 2011. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/hora-estudar-sozinho-ver-aprendeu-636075.shtml>>. Acesso em 08 jun. 2014.

FERNANDES, Rogério. Um marco no território da criança: o caderno escolar. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.). **Cadernos à Vista: Escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2008. P. 49-68.

FRAGO, Antonio Viñao. Historia de la educación Y historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação.**, nº 0, set./out./nov./dez. 1995.

FREIRE, Paulo. Primeiras palavras – professora-tia: a armadilha. In: FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São paulo: Olho d’água, 1995. Cap 2, p. 7-26.

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL SANTA ROSA DE LIMA. Estatuto, 1988.

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL SANTA ROSA DE LIMA: Escola de 1º e 2º graus. Porto Alegre, 1995.

FUNDAÇÃO SANTA ROSA DE LIMA: Colégio Santa Rosa de Lima. Porto Alegre, v. 2, ago. 2005.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira. Fontes para uma história da educação. In: GALVÃO, Ana Maria Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Território Plural: a pesquisa em história da educação**. São Paulo: Ática, 2010. Cap. 3, p. 65-81.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, p. 57 – 63, mar./abr. 1995.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São paulo, v. 35, p. 20-29, mai./jun. 1995.

GÓMEZ, Antonio Castillo. Educação e Cultura escrita: a propósito dos cadernos e escritos escolares. **Revista Educação**, Porto Alegre, v.35, n.1. p.66-72, jan./abr. 2012.

GVIRTZ, Silvina; LARRONDO, Marina. Os cadernos de classe como fonte primária de pesquisa: alcances e limites teóricos e metodológicos para sua abordagem. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.). **Cadernos à Vista: Escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2008. P. 35 – 48.

HÉBRARD, Jean. Por uma Bibliografia Material das Escritas Ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França – Séculos XIX e XX). **Revista Brasileira da História da Educação**, n.1, p. 115-141, jan./jun. 2001.

JACQUES, Alice Rigoni. Do Carimbo à Caneta Vermelha: Marcas de Correção em Cadernos Escolares (1948/1958). In: BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni; Almeida, Dóris Bittencourt (Orgs.). **Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: memórias e histórias (1858 – 2008)**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2013. P. 232 – 259.

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Angela B. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995. P. 15-61.

KLEIMAN, Angela. **Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?** Campinas: UNICAMP: Cefiel & MEC: Secretaria de Ensino Fundamental, 2005.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Fontes e História da Educação. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação: o que você precisa saber sobre**. Rio de Janeiro: DPA, 2001. Cap. III, p. 77-96.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. Abordagens qualitativas de pesquisa: a pesquisa etnográfica e o estudo de caso. In: LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. Cap. 2, p. 11-24.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. In: LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. Cap. 3, p. 25-44.

MARQUES, Tania Beatriz Iwaszko. Epistemologia Genética. In: SARMENTO, Dirléia Fanfa; RAPOPORT, Andrea; FOSSATTI, Paulo (Orgs.). **Psicologia e Educação: Perspectivas Teóricas e Implicações Educacionais**. Canoas: Salles, 2008. P. 17-26.

MEDEIROS, Juliana Schneider. Povos indígenas e a Lei nº. 11.645: (in)visibilidades no ensino de história do Brasil. In: BERGAMASCHI, Maria Aparecida; DALLA ZEN, Maria Isabel Habckost; XAVIER, Maria Luisa de Freitas (Orgs.). **Povos Indígenas e Educação**. Porto Alegre: Mediação, 2012. P. 49-62.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Um Objeto Quase Invisível. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.). **Cadernos à vista: Escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2008. P. 7-13.

MOSQUERA, José Mouriño; STOBÄUS, Claus Dieter. B. F. Skinner: uma análise polêmica do comportamento humano. In: SARMENTO, Dirléia Fanfa; RAPOPORT, Andrea; FOSSATTI, Paulo (Orgs.). **Psicologia e Educação: Perspectivas Teóricas e Implicações Educacionais**. Canoas: Salles, 2008. P. 77-92.

PRESTES, Felipe. **Justiça dá posse de antiga Escola Santa Rosa de Lima à UFRGS**. Porto Alegre: 2012. Disponível em: <http://www.sul21.com.br/jornal/justica-da-posse-de-antiga-escola-santa-rosa-de-lima-a-ufrgs/>. Acesso em: 05 mai. 2014.

SOUZA, Marina Venafre Pereira. **Lá, na última página do caderno escolar... Práticas de letramento “não autorizadas”** – Porto Alegre, 2010. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Curso de Pedagogia, Porto Alegre, 2010.

VARELA, Julia; ALVAREZ, Fernando. **A Maquinaria Escolar**. Porto Alegre, 2006. 55 p. Disponível em: <http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo2/historia-infancias/maquinaria/>. Acesso em: 5 maio 1997.

VIÑAO, Antonio. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.). **Cadernos à vista: Escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2008. P.15-33.